Ex libris
Doctoris Alberti Lamego

1 9 68

N.º

L3
a
10

Univers. de S. Paulo
BIBLIOTHECA
Fac. de Filos. Ciênc. e Letras

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE ESTE LIVRO.

Univers. de S. Paulo BIBLIOTHECA Fac. de Philos. Sciens. e Letras

E' vindo do berço da infancia, n'este momento em que todas as attençoens se absorvem no pelago da politica; n'este momento em que a mediocridade, a intriga, a immoralidade, o egoismo, a corrupção, a irreligiosidade e o desamor da patria cavam abysmo á patria; n'este momento em que uma indifferencia de morte peza sobre a litteratura nacional, e com desprezo se olha para os litteratos, que ousamos de lançar a luz publica algumas paginas de poesias que, talvez, como folhas despegadas de seus peciolos, tenham de se perder ao meio do turbilhão dos partidos que se debatem, ora vencidos e se esforçando por vencerem, ora vencedores e entoando o hymno de seu triumpho, que se mescla com os gemidos da patria!

A publicação d'este livro não é um mero desejo de apparecer em publico como auctor; não é uma presumpção de adquirir um nome nos annaes litterarios, como parecerá a certos espiritos invejosos, que nada são, que nada valem, que nada fazem, para que se não possa jul-

gar do grau de seu merecimento e prestimo; espiritos que tudo desfiguram, que tudo invertem, e que envenenam os mais religiosos e puros pensamentos! A publicação d'este livro é uma tentativa, um primeiro voo de quem deseja de voar muito, e que bem conhece o que pode lucrar com elle, é ter um meio facil que o conduza ao fim de seus desejos, uma recommendação, embora quasi nulla per si mesma e pelas circumstancias actuaes, que lhe abra as portas da sociedade e lhe facilite a marcha na arena da litteratura. A temoridade exitou per momentos em sua publicação, mas resolveu-se a final, involvendo o seu titulo no veo da modestia, como que implorando a indulgencia dos sinceros censores, como que dizendo: nós principiamos pobres e desconhecidos, como os rios em suas origens; — sede indulgentes! Com o apartarem-se de suas nascentes os rios se entumecem, colhem tributos em sua marcha e ao cabo assombrosos se tornam; — sede indulgentes! Não ha regato que longe de sua fonte não corra mais abundante, nem rio assombroso que em suas cabeceiras não seja mesquinho; — sede pois indulgentes!

No berço da infancia, embalado ao som d'essas antiguadas ballatas, xacaras e solaus; ouvindo os cantos de um Bernardim Ribeiro, de um Rodrigues Lobo, de um Gonzaga, de um Silva Alvarenga; nutrido em nossa puberdade com a leitura dos auctores sagrados da Biblia, dos vates da airosa Lusitania, dos poetas da nobre França, dos cysnes da escravisada Italia, dos cantores da presumida Hespanha, dos bardos da vaidosa Inglaterra; nos estasiando ante o expectaculo maravilhoso da natureza, ante essa abobada de saphyra, esmaltada de estrellas de ouro; com o coração palpitando por tudo quanto é grande, su-

blime, util e bello; sentindo rolar em nossa phantasia turbilhoens de imagens poeticas e cadencias, conhecemos que eramos poeta, que haviamos nascido para cantar a patria, a religião e a natureza, para viver submerso em ondas de poesia, exhalando poesia, como o sol nadando em oceanos de luz e vertendo oceanos de luz; e embriagado per esse aroma, que não é da terra mas do ceo, enlevado per essa harmonia, que não é dos homens mas dos anjos, deixamos nos levar per esse

. . . . . anjo celeste,
Que da vida os tormentos acalma, (*)

pela poesia e tam somente pela poesia; e damos de mão as puerilidades e trivialidades da vida.

Poeta, maniaco, alienado, como os nossos nos cognominam, gostando de deixar-nos arrebatar das inspiraçoens poeticas de nossa infancia, das inspiraçoens de nossa candida paixão, quando dous olhos ternissimos nos fallando eloquentes uma linguagem toda doçura nos ia meigamente embebendo essa

. . . . . amorosa chamma,
Que uma alma faz captiva e outra senhora. (**)

ora procuravamos a solidão dos bosques, para gozarmos dos canticos das aves, ou assentados sob um salgueiro chorão, com a cabeça curvada e os olhos fitos n'agua, fruindo o prazer da dor da tristeza, deixavamos nos repassar de melancholia; ora de sobre a borda d'esse lago tranquillo,

Que no cerulear das mansas aguas
Symbolisa a innocencia,
Como pupillas de celestes virgens,

levando a vista pela sua superficie serena e assetinada,

(*) Magalhaens, *A belleza.*
(**) Caminha, *Epistola a Ferreira.*

com o coração pejado de saudades ou mandavamos um suspiro a um irmão ausente, ou um adeus a um amigo distante, ou ao lado de um companheiro colhiamos uma flor, que depositavamos em seu peito, dando-lhe o abraço da despedida; ora de sobre as montanhas, ou gozavamos do expectaculo da natureza, ou consideravamos na grandeza futura da patria, ou subiamos nossa alma ao Senhor por ella, por ella tam somente, ou saudavamos ao dia da commemoração do triumpho de sua independencia; ora encostados a urna depositaria das cinzas da auctora de nossos dias, da mulher, cujo coração primeiro palpitou por nós, cujos olhos se faziam lagrymas quando a dor nos apunhalava, ou assistindo, alta noite, a agonia de uma irman cara, nos resignavamos com a esperança de uma vida mais real, menos precaria, de um futuro menos duvidoso que o presente, e sempre despertando em nossos extasis poeticos por uma voz que nos recorda, não da aproximação do futuro da realidade, essa vida do alem tumulo, mas da approximação do futuro do sonho, essa vida do aquem tumulo; por uma voz que nos brada que retrocedemos da carreira que levamos; quando de lá do portico da gloria se nos accena e se nos anima; por uma voz que nos ameaça, que prediz nossa queda antes de alcançada a desejosa meta, apontando para o quadro da historia da nossa litteratura dos passados annos; — é esse fim desastroso de nossos homens de genio; apontando para o quadro da epocha em que vivemos, que tam real se nos apresenta; — é esse despreso que preme os nossos litteratos, essa indifferencia que peza sobre a unica litteratura da America meridional; essa hydra, cujas cabeças são a mediocridade, a intriga, o egoismo, a immoralidade, a corrupção, a irreligiosidade e o desamor da patria, se agitando

em todos os angulos do imperio, entoando a celeuma da anarchia e impedindo o engradecimento da nação; esses centauros da anarchia nos labyrintos da rebellião ao sul e ao norte, que devoram os filhos da patria e consomem suas riquezas! — E sempre ouvindo essa voz e sempre progredindo!

Partos de nossa infancia e puberdade são pois estas *Modulaçoens poeticas*, que ousamos de entregar a luz publica, certos da indulgencia de nossos compatriotas. O acolhimento que d'elles esperamos, não obstante a politica absorver todas as attençoens, nos animará a proseguir na começada marcha, e brevemente viremos depor novas offertas, mais puras oblaçoens de nossa alma.

Mais uma palavra sobre o trabalho que precede as nossas *Modulaçoens poeticas*; — satisfacção as pessoas de senso; — despreso aos nossos invejosos detractores.

Quando compozemos e fizemos publicar o *Bosquejo da historia da poesia brasileira*, que julgamos appropriado dar per introducção ás *Modulaçoens poeticas*, bem longe estavamos nós de prever o acolhimento que se dignaram de dar-lhe algumas pessoas, respeitaveis pelos seus talentos e conhecimentos, e ainda mais longe estavamos nós de prever tanta injusta critica, tanto sarcasmo por havermos illiminados de nossas paginas centenares de contemporaneos, poetas da dilecção de nossos detractores. Ora na acceleração com que compozemos essa obrinha, fructo de seis noites, em que para desenfado nos propozemos escrevel-a, passando em revista os apontamentos que temos para uma obra do mesmo genero, porem muito mais extença, da qual ja publicamos alguns fragmentos, que

Universidade de São Paulo Biblioteca

muito que nos esquecessemos de alguns contemporaneos dignos de consideração, tendo nos esquecido de auctores ja fallecidos e não coevos? Mas nem se diga que grande foi nossa omissão, nem se nos faça de tal um erro, uma culpa. Si involuntariamente a commettemos, a desculpa é admissivel; si voluntariamente, não o foi sem razão, e a desculpa não é menos admissivel que no caso precedente. Como critico, somos independente, julgamos em nossa consciencia; elogiamos, censuramos ou despresamos os poetas e suas obras segundo o merito d'estas e a capacidade d'aquelles. E de mais apontando os representantes das diversas phases, que offerece a historia de nossa poesia, temos cumprido com nossa obrigação, preenchido o fim a que nos propozemos; o esboçar essas phases, a que chamamos epochas.

Rio de Janeiro, outubro de 1841.

BOSQUEJO

DA

HISTORIA DA POESIA BRASILEIRA.

Joaquim Norberto de Souza e Silva

BIBLIOTHECA Univers. de S. Paulo Sec. de Filos. Sciencias e Lettras

AO DECANO DA LITTERATURA NACIONAL,

A UM DOS HEROES DA INDEPENDENCIA DO BRASIL,

O Ill.mo Rev.mo Snr.

Januario da Cunha Barboza,

Conego e Pregador da Sancta Igreja Cathedral e capella imperial; Official da ordem imperial do cruzeiro, e commendador da de Christo; Arcade Romano, Socio correspondente do Instituto historico de França e Honorario da Sociedade Politechnica pratica, Secretario perpetuo da Sociedade Auxiliadora da industria nacional e do Instituto brasileiro, e um de seus fundadores; Chronista do Imperio; Bibliotecario da Biblioteca nacional; Professor jubilado de Philosophia racional e moral da cadeira da côrte e examinador do Seminario episcopal de S. José.

Universal de S. Paulo BIBLIOTHECA

D. O. C.

J. N. de S. S.

3

I.

INTRODUCÇÃO.

De todos os povos americanos é sem exageração alguma o brasileiro o mais digno da veneração dos estrangeiros. O primeiro que conheceu a necessidade de sua independencia, que intentou por vezes sacudir o jugo da escravidão e constituir-se nação livre e independente, foi tambem o primeiro que ensaiou-se nos diversos ramos da litteratura. Ainda não eramos nação e ja tinhamos historiadores, que memorassem as glorias da patria, e poetas que celebrassem as victorias de seus concidadãos, recommendando seus nomes e feitos á posteridade; ainda não eramos nação, mas uma colonia avexada pelo captiveiro, onde a instrucção era um delicto e os livros expressamente prohibidos, e da patria tam somente o nome conhecido pela fama das producçoens selectas de suas magestosas mattas, pelos diamantes de seus serros e preciosos metaes de suas minas; enfim pela doçura de seu clima, pela belleza de seu ceo e fertilidade de seu terreno, cortado pelos maiores rios do mundo, e ja possuiamos uma litteratura, sinão legitimamente nacional, — que raras o são —, ao menos em parte, e que ao prezente constitue-nos como nação litteraria uma das primeiras das duas

Americas e a unica da meridional. Abra-se a historia do Brasil; eis-ahi a cada pagina uma facção brilhante, eis-ahi a cada periodo um povo magnanimo, apezar da escravidão que o oprime, arrancando um brado heroico, dando um signal de sua existencia! Si extrangeiros ousam de invadir as terras da patria, hardidos são os primeiros que se apresentam para rochaçal-os. Os nomes de um bravo D. Antonio Felippe Camarão, de um intrepido Rabellinho, de un impavido Negreiros, de hum corajoso Henrique Dias, de dous terriveis Martim-Affonsos, de um forte Jorge de Albuquerque Coelho, a quem as grandes emprezas tanto enthusiasmavam, que se deixou arrastar pelo seu mau fado ás campinas ensanguentadas de Alcacerquiver, de uma valente fluminense, como fôra D. Maria Ursula de Abreu Alencastre, de uma brava pernambucana, como se mostrára D. Clara Felippa Camarão, de uma destimida paulistana, como se destinguira D. Rosa Maria de Siqueira, e de tantos outros valerosos Brasileiros, estão ligados aos mais memoraveis acontecimentos, que esmaltam as laudas de nossa historia e eternisados em versos de ouro por nossos melhores poetas.

Antes que vencidos fossem pelos conquistadores portuguezes, por um punhado de heroes saïdos de um cantinho da Europa, os selvagens brasileiros, cujo Deus era *Tupã*, essa excellencia, essa potencia espantosa, que lhes fallava pelo *tupaçununga*, que era o trovão; que se lhes revelava pelo *tupaberaba*, que era o relampago; cujo templo eram as magestosas florestas, elevavam-se á cima dos povos americanos pela sua imaginação ardente e poetica. As incantadores scenas, que em quadros portentosos offerece a natureza por todos os sitios de nossa patria, os inspirava, e de povos rudes e barbaros os faziam povos poetas. Os Tamoyos, que habitavam o Rio de Janeiro, os Tupinambás que em costumes a elles se assimilhavam, e os famosos Caethés, sempre que voavam a guerra, antes que o canglor horrivel das guerreiras *inúbias*, os sons confusos dos *marakas*, e suas hor-

risonas vociferações, cadenciassem o hymno da guerra, annunciassem o combate; antes que inflammadas as suas settas levassem a morte aos contrarios e o incendio as suas *tabas*, recebiam inspirações de valor e de constancia pelos canticos de guerra que celebravam seus Tyrteus aos sons de suas *maracás*, e quando a victoria lhes era propicia, canções de gloria lhes voavam d'entre os labios. Conquistados, submettidos ao jugo, desappareceram de sobre a face da terra, como desapparecem as nações bellicosas.

Então vieram novos Brasileiros, filhos dos conquistadores portuguezes, que bem que inspirados pelas picturescas payzagens brasilicas, pelo ceo dos tropicos, pelo sol fulgente da America, não os souberam cantar, antes exemplo abriram, que por desgraça seguido foi por longo tempo. Quando deviam se apoderar dos patrios costumes, das usanças e dos preconceitos populares, das tradicções das tribus, que as nossas florestas povoaram, com que dessem cores e feições nacionaes á poesia, abraçaram as ideias do grego polytheismo, que ás nossas praias abordaram com as armas portuguezas; deixaram-se fascinar das bellezas dos gregos e romanos poetas, e imitar procuraram do Camões, do Bernardes, de Caminha, de Fernão Alvares do Oriente e tantos outros bucolicos portuguezes, e metamorphoseados em pastores iam ás margens do Tejo, do Mondego ou do Douro, pascer seus rebanhos! Falta de reflexão, erro gravissimo, que tanta quebra dá em suas melhores composições! Mas nem todos; alguns houve, si bem que em diminuto numero, que admiradores das acções gloriosas, que illustram as paginas de nossa historia, cantaram, e cantaram como o vate lusitano, não movidos de premio vil, mas pelo amor da patria, sem almejar outro galardão sinão a gloria. E d'esses cantos, inspirados pelos mais nobres assumptos, movidos pela mais heroica paixão, dignos dos premios que ambicionavam seus auctores, raros chegaram a nossos dias, at-

travessando as ondas de tam ditalados annos! Todo este mal emana da tyrannia que sobre a patria imperou; colonos, como eramos, não podiamos estabelecer, como adiante veremos, officinas typographicas, que multiplicassem as copias das obras devidas á penna de nossos auctores: embalde se procurará hoje pela *Brasilia*, por esse poema, cujo assumpto é a primeira pagina da historia da conquista do Brasil! Embalde se buscará os preciosos manuscriptos de outros muitos illustrados Brasileiros. Todos esses ensaios, todos esses esforços de um povo que ja na infancia se dava ao cultivo dos diversos ramos da litteratura, e luctava com a hydra da invasão hollandeza, batendo com tam denodados guerreiros a vida pela liberdade, e o mais é, vencendo-os, derrotando-os e exterminando-os, se perderam ao meio das trevas da ignorancia; as raras publicadas, em tam pequeno numero de exemplares o foram, que poucas chegaram aos nossos dias.

Releva ainda notarmos a mania que dominou os nossos poetas e que não deixa de ser fatal á nossa litteratura, pois que de algumas obras a defrauda.

Antes que o jugo de ferro dos tyrannos Philippes subjugasse a Lusitania, poetas e escriptores houve, bem que em não notavel numero, que surdos aos brados de Ferreira, escreveram em extrangeiros idiomas e principalmente no castelhano, como ninguem ignora pelas obras que o comprovam; porém depois que Portugal sentiu o pezo dos grilhoens, que lhe lançara a prepotencia hespanhola, e viu domado o valor de seus soldados e cabos, portuguezes appareceram, — aliaz benemeritos! — que não se envergonharam de honrar a lingua de seus oppressores, menos rica e suave do que a sua; — falha de patriotismo, falha vergonhosa de pundonor nacional!

E essa epidemia, que no pobre e envilecido Portugal grassava, não deixou de accommetter aos poetas brasileiros. Ver-

dade é que dous ou trez de nossos auctores em castelhano compozeram, mas outros vieram que acharam que se lhes não levaria em mal o escrever em diversas linguas, como Claudio Manuel da Costa, que cabalmente conhecendo o portuguez, brindou por vezes o italiano com bonitas cançonetas e sonetos; como Manuel Botelho de Oliveira, que querendo dar provas de saber portuguez, castelhano, latim e italiano deu á luz um volume de poesias n'estes idiomas escriptas, a fim de estimar-se, quando não pola elegancia dos conceitos ao menos pola multiplicidade das linguas! (*) E como outros muitos que se entregaram de todo ao latim, olvidando-se de honrar o portuguez com as suas composições, por ir augmentar o exercito de latinos poetas, e alguns sabe Deus como!.....

Hoje, por ventura, essa mania, esse pedantismo dissipou-se com os brados do celebre Francisco Manuel, mais activos e fortes que os de Ferreira, e feliz de nós si os deuses do paganismo não mais inspirarem aos poetas de nossa patria! Por ventura não nos approximamos a essa epocha? O genio fluminense, o auctor dos *Suspiros poeticos e saudades*, ja deu o signal para a reforma. Com o seu estandarte elle marcha a frente da esperançosa mocidade brasileira, bradando-lhe: « — A vante, que a posteridade é nossa! — » Chefe de uma revolução toda litteraria, elle marcou nos annaes da litteratura do novo mundo uma epocha brilhante de poesia.

Dando de rosto a esses auctores de estrangeiras obras, passaremos os olhos pelos passados tempos, mencionando os auctores que mais se distinguiram, esboçando rapidamente a biographia de cada um, e analysando as suas obras. Mas antes de entrarmos em tam penoso trabalho, confessamos que sobre muitas obras não emittiremos o nosso juizo, por não nos ser possivel obtel-as, não obstante os grandes esforços por nós feitos.

(*) Veja-se prologo da *Musica do Parnaso*.

Universidade de S. Paulo BIBLIOTHECA

II.

PRIMEIRA EPOCHA.

DESDE O DESCOBRIMENTO DO BRASIL ATÉ FINS DO XVII SECULO.

O XVI seculo do descobrimento do Brasil tinha-se passado na fundação de colonias e em porfiadas luctas entre os possuidores do payz e os conquistadores, que segundo a bella expressão do historiographo brasileiro, Rochapita, tiveram que conquistar palmo a palmo terras que se lhes haviam doado a leguas. Os jesuitas, que com o estandarte da civilisação e emblema da Redempção do mundo chamaram ao gremio da Religião Christan tantos milhares de Brasileiros, que involtos viviam nas trevas da ignorancia e do paganismo, os jesuitas haviam estabelecido alguns collegios e começado a diffundir as luzes da instrucção. A musica e a poesia manejadas sabiamente por elles, assaz influiram na civilisação e cathequese das differentes tribus brasilicas e principalmente das dos Tupinambás, dos Tamoyos, dos Caethés, dos Carijós, e dos Guaranys, musicos, poetas e dançarinos a um tempo. Com a luz do XVII seculo, em que o Brasil, cingido ainda com as faxas da infancia, teve que esmagar a hydra da invasão hollandeza e batalhar por sua liberdade, alguns litteratos appareceram, mas os

desvarios de Gongora e de Marino tam applaudidos então na Hespanha e na Italia começaram de ser imitados pelos Portuguezes. A poesia tornou-se insipida com a abastança de antitheses a cada verso, de trocadilhos a cada phrase, de *concetti* a cada estrophe; e este mal, que tanta quebra dá ás melhores composições dos poetas portuguezes d'esta epocha de mau gosto, não deixou de accommetter os nossos!

O primeiro de nossos litteratos, segundo a ordem chronologica que observamos, é Bento Teixeira Pinto, nascido nos ultimos annos do XVI seculo em Pernambuco, auctor do *Dialogo das grandezas do Brasil*, manuscripto nunca publicado, que Antonio de Leão, (*) e o abbade Barboza, (**) nos asseguram conter ricas e importantes noticias assim da corographia como da historia do Brasil: de um poema intitulado *Prosopopeia*, dirigido a Jorge de Albuquerque, seu compatriota, e da *Relação do naufragio*, que soffrera tam valente Pernambucano, no qual tomou parte o nosso auctor. De todas as suas obras apenas podemos ver esta ultima, e o unico merito que lhe damos é o ser ella producção do mais antigo litterato do Brasil; o estylo é chão e peca por falta de concisão; a muita redundancia de que se acha sobrecarregado assaz entorpece a leitura: a dicção é pobrissima, e o auctor parece conhecer melhor que ninguem os seus defeitos, pois que no prologo diz:

« — Não olhem ás palavras que são as que são. — »

A pos este vem Gregorio de Mattos, grande satyrico que nascera na Bahia, em abril 7 de 1623, e fallecera desgraçadissimo em Pernambuco, no anno de 1697. Sua vida é um complexo de excessos e extravagancias, e por ventura dramatica. Foi prodigioso na satyra, mas ao cabo rara deixou-nos que digna seja de ler se: obscenidades, phrases bordalengas an-

(*) Leão, *Bibliot. geogr. tom. III. tit. unic.*
(**) Barboza, *Bibliot. lusit. tom. I. paj.* 512.

dam de envolta com seus versos: com tudo seu estylo é simples e corrente, e isempto d'esses trocadilhos e antitheses, com que os poetas seus contemporaneos borrifaram suas obras, pois que não era para affectaçoens, mas todo natureza, todo satyrico, si bem que infelizmente um satyrico todo indecencia. As satyras *Os costumes da Baïa* e *O retrato de um personagem*; os epigrammas *O musico espancado* e *O livreiro golotão*, são as compoziçoens que ler-se podem, que ainda assim seus sinoens teem que se lhes note.

Manuel Botelho de Oliveira e Bernardo Vieira Ravasco, naturaes da Baïa; — um nascido em 1636 e fallescido em 9 de Janeiro de 1711, — outro nascido em 1638 e fallescido em 20 de Julho de 1697, — este illustre nas armas, intrepido deffensor da patria, honrado e irmão do eximio Antonio Vieira; — aquelle instruido nas linguas portugueza, hespanhola italiana e latina, — gozaram de muita popularidade na cidade da Baïa, e foram os predilectos do marinismo e gongorismo. E pensavam elles que barbarisando a indole do elegante idioma luso, inchando o estylo de hardidas metaphoras, accumuladas umas sobre outras, tinham desempenhado os preceitos da verdadeira poesia, e tornavam se merecedores da coroa de perfeitos poetas! Que de mais pedante, que de mais pueril haverá, que não sejam esses sonetos, madrigaes e sylvas de Botelho de Oliveira, derramadas ás maens cheias pelas paginas de sua *Musica do Parnaso* (*), composta de versos portuguezes, italianos, hespanhoes e latinos,

Versos sem alma e so no nome versos?

Eis aqui dous de seus madrigaes, cheios d'essa poesia da

(*) *Musica do Parnaso dividida em quatro choros de rimas port. cast. ital. e lat., com seu descante comico reduzido a duas comedias.* 1 V.ª in-4.º Lisb., 1705.

Univers. de S. Paulo BIBLIOTHECA

epocha, e per elles se ajuize do resto de sua obra, que quejanda é, com pouca excepção:

E' meu peito navio;
São teus olhos o norte;
A quem segue o alvedrio
Amor piloto forte;
Sendo as lagrymas mar; vento os suspiros;
A venda vellas são; remos seus tiros.

Foi no mar de um cuidado
Meu coração pescado;
Anzoes os olhos bellos,
São linhas teus cabellos,
Com solta gentileza
Cupido pescador, isca a belleza.

João Mendes da Sylva, pae do celebre Antonio José, nascido no Rio de Janeiro pelos annos de 1650 a 1660 e fallecido em Lisboa em 1736, auctor do *Christiados*, poema em honra de Jesus Christo, de *Hero e Leandro*, acquiriu reputação de excellente poeta, o que ignoramos si com justiça, pois que de suas obras apenas os titulos conhecemos.

III.

SEGUNDA EPOCA.

DO COMEÇO ATÉ MEIADO DO XVIII SECCLO.

Do começo do XVIII seculo até o meiado, o gongorismo e marinismo em seus paroxismos faziam ainda sentir os seus effeitos, e as lettras começaram de renascer, e pouco e pouco se foi reconhecendo o erro do passado seculo, e os litteratos por fim se enojaram d'essa poesia ruim e affectada. Appareceram alguns poetas; eximios oradores honraram o pulpito; o Brasil viu a sua historia narrada por um filho de suas mattas, e fundou-se na Baïa a *Academia brasilica dos esquecidos* sob os auspicios do vice-rei, D. Vasco Fernandes Cesar de Menezes, enthusiasta das bellas lettras. A essa academia pertenceram distinctos Brasileiros e dous d'entre elles gozaram de credicto de poetas. Foram estes João Brito de Lima e o presbytero João Gonçalves da França, ambos naturaes da Baïa.

João Brito de Lima, nascido em 1671 e fallecido em 1700, foi, sem duvida alguma, de nossos auctores o que, até esta epocha, maior numero de obras compozera, mais nem todas se publicaram, nem seus assumptos foram bem escolhidos;

pueris como são as geneologias e necrologias de fidalgos e as descripçoens de festividades para merecerem as honras da versificação, sobreviver não poderam a seu seculo. (*) D'entre as que nunca se imprimiram temos noticia do poema *Cesarea*, composto de mil trezentas oitavas, talvez a menos pueril, a melhor de suas producçoens.

João Gonçalves da França nasceu em 1689 e quanto a nós foi de todos os nossos poetas d'esses tempos de que nos hemos occupado o que mais digno assumpto escolhera para a composição de uma epopeia; e a sua obra tocou o seu fim e não foi publicada! Fallamos da *Brasilia*, poema do descobrimento do Brasil por Pedro Alvares Cabral, do qual lera o primeiro canto n'uma das sessoens da Academia brasilica dos esquecidos e muitos applausos obteve.

Assaz isolou-se de todos esses nossos auctores ja pelos seus talentos, já pelos seus conhecimentos, ja pelos seus escriptos, ja pela sua posição o sabio e probo ministro do rei D. João V, Alexandre de Gusmão, nome ainda hoje ouvido nas cortes europeias com respeito. Nascido na cidade de Santos, então villa da provincia de S. Paulo, em 1695, morreu em Lisboa, em dezembro 31 de 1753. Não é este o logar proprio para tractarmos de homem tam transcendente nas mathematicas, na diplomacia e politica. Grande orador, poeta elegante, elle baixou ao tumulo ralado de pezares, que com o terremoto de Lisboa não so perdeu sua mediocre fortuna como uma consorte e dous filhinhos que em extremo amava, e — ainda em mal! — seus manuscriptos foram devorados pelas chammas! — Perda sensivel para as sciencias e a litteratura!

Seus irmaons, mormente o padre Bartholomeu Lourenço de

(*) A nomenclatura de suas obras é extensa para a reproduzirmos aqui. V. Barboza, *Bibliot. lusit.* tom. II pag. 616.

Gusmão, *o roubador*, assignalaram-se em diversos ramos litterarios.

Luiz Canello de Noronha e Manuel Rodrigues de Lacerda, um nascido na Baia em 1689, o outro em Pernambuco, deram a luz publica algumas obras poeticas, das quaes tam somente não ignoramos os titulos.

O conego João Borges de Barros, nascido na Baia em 1706, instruido nas linguas latina, hespanhola e italiana, compoz muitas poesias ligeiras que correm impressas. José de Oliveira Serpa, seu comprovinciano, publicou varios sermoens e deixou nos algumas poesias mysticas que nunca se imprimiram.

Pertence ainda a este periodo um illustre Brasileiro, hoje assaz conhecido entre nós, graças ao patriotismo e talento do Sr. Dr. D. J. G. de Magalhaens. Ja se ve que fallamos do faceto Antonio José, d'esse genio nimiamente comico que a inquisição arrastou a suas fogueiras! E o mais é que n'uma de suas *operas* elle classificara a morte por meio das chammas como a mais cruenta de todas! Eis aqui as proprias palavras do auctor:

A morte sempre é tormento,
Sendo breve é menos mal,
Mas é pena, sem egual,
O morrer a fogo lento.
E' este modo violento,
E é morte mais rigorosa;
De seu fim tarde se gosa,
Sendo no muito que atura,
Por dilatada mais dura,
Por continua mais penosa.

E tal foi o genero de morte que soffreu, que seus inimigos lhe destinaram!

Sua vida está presentemente vulgarisada e oxalá que tambem estivessem suas *operas*, que convertidas em regulares comedias podem ainda honrar a scena brasileira. (*) Quem o fará? Ahi estão os censores do *Olgiato* para apuparem o que levado de amor da patria ousar de arrancal-as ao esquecimento em que jazem sepultadas; — Ahi estão elles!

D'entre suas numerosas operas citam-se as *Guerras de alecrim e mangerona*, (cujo assumpto, accrescenta um illustre critico moderno, é eminentemente comico e portuguez e hoje teria todo o merito de uma comedia historica e se fora tractada no genero de Beaumarchais, produziria uma excellente peça;) *D. Quixote*, que vem na *Traduction des chefs-d'œuvre des théâtres étrangers*, vertido per Mr. Ferdinand Denis; *Esopo* e ainda outras, como as melhores. Abundam em scenas comicas; o estylo é corrente e o dialogo mui bem sustentado, manejado, variado e replecto de dictos picantes, cheios de graça, adubados de sal epigrammatico, como tambem fertil em expressoens demasiadamente baixas e indecentes. Algumas das arias são de complecta belleza.

(*) *Esperamos com a maior anciedade pela publicação de uma obra que está preparando o Illm. Sr. Dr. R. de S. da Silva Pontes, sobre a vida e escriptos do nosso poeta.*

IV.

TERCEIRA EPOCHA.

DO MEIADO ATÉ FINS DO XVIII SECULO.

Do meiado ao fim do XVIII seculo tudo progredia sob a influencia do magnanimo marquez de Pombal. O Brasil já mais avançado na carreira da civilisação viu saïr de seu seio litteratos que grande nomeada deram ao reinado de D. José I. Fundaram-se varias associaçoens litterarias e entre ellas mencionaremos a *Arcadia ultramarina*, (*) estabelecida nas capitanias do sul, sob a protecção do illustrado vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Souza. Epocha foi esta de esplendor e gloria para uma colonia, cujos filhos celebraram os esforços de seus compatriotas, suas acçoens de heroismo ao som da braga do captiveiro! Claudio Manuel da Costa, Gonzaga, Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto, Basilio da Gama, Cordovil, Vidal de Barbosa e Sancta Rita Durão, se immortalisaram com producçoens mais ou menos primorosas.

A morte do rei D. José I e a pos ella a queda de seu ta-

(*) E não *Arcadia do Rio das Mortes*, como alguem dice.

lentoso e perspicaz ministro, foram presagios de morte a nacional litteratura. Os litteratos brasileiros foram perseguidos, suas associaçoens anniquiladas e uma officina typographica, que se acabava de estabelecer no Rio de Janeiro, mandada desmanchar por ordens da corte!.....

Uma sociedade politica levantou-se em Villa Rica, hoje cidade de Ouro Preto, que conspirando secretamente contra a tyrannia, trabalhava a prol da independencia nacional; traidores a denunciaram ao governador, o visconde de Barbacena, e as perseguiçoens sobiram ao auge. Claudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Gonzaga, Vidal de Barboza e outros, arrastados pelas mais publicas ruas de Villa Rica, foram conduzidos aos carceres tenebrosos do despotismo colonial. Claudio Manuel da Costa, o enthusiasta das instituiçoens democraticas, suicidou-se; Gonzaga, Alvarenga Peixoto e seus companheiros no infortunio, arrostaram os tratos cruentos da tyrannia, ouviram ler suas sentenças de morte e..... quando esperavam a hora final da existencia, receberam o decreto da rainha D. Maria I, commutando-lhes a barbara pena em degredo para diversos presidios de Africa.

Sobeja-nos a vontade, mas falta nos espaço para tractarmos de tantos e tam insignes auctores e suas obras, e mui de leve e so de passagem poderemos tocar nas mais interessantes.

Claudio Manuel da Costa, nascido em Marianna, então villa do Ribeirão do Carmo, em junho 6 de 1703, compoz muitos e mui bellos sonetos, que correm parelhas com os melhores de Camoens, Bocage e Maximianno Torres; elegantissimas cançonetas que rivalisam com as do ameno poeta italiano, Metastasio, e que mais lhe honram que esse inedito *Villa Rica*, poema frio e algum tanto insipido e em geral escripto em versos frouxos e prosaicos, e — ainda mal! — rimados dous e dous.

Gonzaga, o apaixonado Gonzaga, cuja gloria de lhe haver dado o berço é ao presente disputada por Minas Geraes, Baïa, Rio de Janeiro e Lisboa, nasceu em Pernambuco, como nos asseveram intimos parentes seus. (*) Eternisou sua paixão ardente, mas candida, em bellas poesias, porem sendo de todos os nossos poetas d'essa epocha o mais elegante, feiticeiro e harmonioso, foi o que menos Brasileiro se mostrara em suas composiçoens.

Basilio da Gama nasceu em Minas Geraes, e sua ma estrella o arrastou a Italia, d'ahi á Lisboa, d'onde o quizeram desterrar para Angola; mas salvou-o o marquez de Pombal, o protector dos Brasileiros. O *Uraguay* é a melhor de suas producçoens; o estylo é correcto, a dicção, ainda que pobre, adequada e os versos ora simples, ora sublimes e sempre appropriados ao objecto de que tractam. Os episodios da embaixada de Sepé e Cacambo ao general Gomes Freire; da batalha de S. Tecla, em que os indios das missoens soffrem completa derrota, da visão de Cacambo, do incendio das tendas do exercito luso-hespano-brasilico, da morte da saudosa Lyndoia, da descripção da pintura do templo das missoens, tam ingenhosa e delicadamente interrompida no quarto canto e continuada no quinto, são excellentes. Legou-nos, alem de tam bella epopeia, alguns sonetos, notaveis pela energia do estylo e pompa da versificação, algumas odes e outras composiçoens dignas de apreço. Seu irmão, Antonio Caetano, foi igualmente poeta de grande merito, e deixou-nos entre estimaveis odes uma sobre a inauguração da estatua equestre de D. José I, que é um primor em seu genero.

Alvarenga Peixoto, Cordovil e Vidal de Barboza, naturaes do Rio de Janeiro, são auctores de primorosas poesias. O pri-

(*) Entre outras muitas pessoas, o Ex.mo Sr. Lopes Gama, primo segundo do illustre poeta.

meiro compoz elegantes sonetos, traduziu a *Merope* de Maffei, que não é das melhores tragedias, não obstante a excellencia do assumpto dignamente tractado por Voltaire, e fez representar o drama em verso intitulado *Eneias no Lacio*. Os *Conselhos a meus filhos*, é um brinco de sua musa, que raro Brasileiro desconhece. O segundo rimou a *Poetica* de Horacio e produziu muitas poesias pela mor parte inferiores ás de seus coevos. O terceiro cultivou com feliz successo a poesia lyrica e não equivocos testemunhos nos restam de tal nas odes ao terrivel Alboquerque e ao vice-rei D. Luiz de Vasconcellos e Souza.

Silva Alvarenga nasceu em Minas Geraes, pelos annos de 1740; primou na poesia erotica, rivalisou com Gonzaga, mas não o excedeu, nem siquer o emparelhou. Publicou sob o titulo de *Glaura*, uma collecção de poesias eroticas. Infelizmente seu maior defeito é ser composta de uma centuria de madrigaes, escriptos no mesmo estylo, e de outra de rondós, com o mesmo numero de estrophes; monotonia que cansa, não obstante a elegancia, a harmonia e o perfume poetico que respiram. A fóra essas primicias de seu ingenho, possuimos bonitas odes e cançoens horacianas e um poema heroi-comico, *O desertor*, adornado de episodios appropriados; a linguagem elegante e comica é isempta d'esses termos obscenos que ha de quando em quando se deparam no *Hyssope* de Diniz. Halvo das perseguiçoens que contra os litteratos se fizeram no Rio de Janeiro, o mesmo tempo que o despotismo colonial afferrolhava os poetas de Villa Rica em seus antros, ralado de pezares, falleceu pobre, mas honrado e chorado de seus discipulos, em novembro 1 de 1813.

Joaquim Ignacio de Seixas Brandão, de Minas Geraes, e José Ignacio da Silva Costa, do Rio de Janeiro, ambos admiradores das valentias poeticas de Basilio da Gama, ambos se assignalaram na carreira litteraria com compoziçoens insignes.

Fecundo orador, eximio poeta, o padre Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas, natural de Sabará, morreu de pos de trez annos de alienação; — catastrophe precursora de outra mais prejudicial para a litteratura, — a perda de suas compoziçoens e traducçoens poeticas de logares escolhidos dos auctores do reinado de Augusto, de Luiz XIV, de Leão X, de Carlos III e outros, e de tantas obras que transmettir nos devia, se escapou a seus desvarios a paraphrase da sequencia da missa dos mortos!

Sancta Rita Durão, natural de Minas Geraes, um dos melhores poetas d'este periodo, elevou a sua memoria monumento duravel; cantou as romanescas aventuras do celebre Caramuru, o dragão dos mares, o senhor do trovão, possuido como Camoens do mais sancto amor da patria. O *Caramuru*, recebido friamente em sua publicação, começa de ser appreciado, e conta presentemente duas versoens na lingua franceza, para que seja conhecido do mundo litterario; — honra e louvor a seus traductores!

Sancta Rita Durão não soube approveitar-se dos mais poeticos quadros que em tam dilatado numero lhe offerecia a patria; e a vingança horrivel dos Tupinambás, incitada pela gentil Paraguaçu, contra os ferozes soldados do brutal Coitinho, com que poderia pomposamente fechar seu poema, apenas tocada foi! A par de pessimas oitavas sobresaem harmonicos versos, oitavas escriptas com delicadeza excessiva, e muito para admirar é esse episodio de Moema, expirando, repassada de saudade, nas aguas baianas. «— O facto, accrescenta o visconde de Cayru, analysando passagens de nosso auctor, é verdadeiro e sentimental, e o poeta fez mais vivo quadro que os antigos classicos gregos e latinos descrevendo um similhante trance, ainda que menos heroico e terrivel, o de Ariadna em Naxos e Dido em Carthago, vendo ausentar-se em embarcaçoens os ingratos Theseu e Enéias. —»

V.

QUARTA EPOCHA.

DO COMEÇO DO XIX SECULO ATÉ A PROCLAMAÇÃO DA INDEPENDENCIA NACIONAL.

No começo do seculo presente grandes poetas appareceram, mas ainda embebidos nas ideias do grego polytheismo, e com tudo ja Caldas e S. Carlos reconheciam a necessidade da reforma da poesia brasileira; abalançavam-se a outra fonte mais pura e menos profanada a beber inspiraçoens: e foram elles por ventura em nossa patria o crespusculo d'esse grande dia, que vem raiando, e nos cantos de um Tenreiro Aranha, de um Mello Franco, de um João Baptista da Fonseca e de outros vislumbravam a espaços os claroens que scintillava a travez da treva da tyrannia o facho de nossa liberdade, independencia e gloria.

Caldas e S. Carlos, nascidos sob o formoso ceo do Rio de Janeiro, se dedicaram a carreira ecclesiastica. Caldas foi mais conhecido e estimado fóra de sua patria e deu-se a poesia lyrica; S. Carlos nunca saïu da patria, nunca foi n'ella presado como devera, e arrojou-se á poesia epica, erguou um monumento eterno á nossa litteratura, mas que nós — ou ignoramos de sua existencia — ou não sabemos avaliar as primorosas compoziçoens de nossos compatriotas.

Caldas todo arrebatado, todo penetrado de seu Deus, todo enthusiasmado de sua religião, elevou-se a esphera de nosso primeiro lyrico; mas nem sempre o arroubou o christianismo que lá estão os pensamentos sublimes que elle lhe inspirara de envolta com as safadas ideias da grega mythologia. Suas odes, suas cantatas sacras são cheias de sublimidade, e respiram um odor celeste que enleva; — a pompa da versificação, —a excellencia das figuras, —a nobreza dos pensamentos, nos quaes transluz o espirito religioso do auctor, — dão todo o realce e magestade, que requer tal genero de poesia. Que de mais bello, que de mais sublime possuirá a lingua portugueza que não sejam essas odes sobre a existencia de Deus, sobre a immortalidade da alma, sobre a virtude da Religião Christan, e essa cantata á creação?! Que de mais bello, que de mais sublime que não sejam a cantata *Pygmalião* e a ode *O homem selvagem?!* E quanto não nos devemos ufanar em possuir esses primores de poesia! Com quanta suberba não mostral-os ás naçoens estrangeiras, que de barbaros e indolentes nos accusam!

S. Carlos foi o vate prodigioso dos mysterios de sua religião. Klopstok, Milton, Dante, Tasso, e, mais que todos, os poetas sagrados da Biblia, d'esse monumento magestoso de poesia, eram os auctores predilectos de sua infancia: n'elles bebeu inspiraçoens, n'elles colheu as flores com que de pos paramentou os riquissimos episodios de sua grande epopeia *A assumpção da Virgem*, tam digna da attenção de seus compatriotas, si seus compatriotas presassem os primores da propria litteratura, tam mal conhecida, tam mal avaliada!

Longo seria o analysar tantas e tantas bellezas como são as que encerra essa epopeia; citaremos os episodios da descripção do sepulchro da sancta Virgem, recendente de aroma, e as exclamaçoens dos apostolos ao verem o vasio, da descripção da sancta Virgem em seu carro de triumpho; da tramoia infer-

nal; da falla de Satan no conselho dos espiritos infernaes, muito superior a de Lucifer no *Paradise lost* de Milton ou a de Asmodeu na *Malaca conquistada* de Sá de Menezes; da opposição infernal á assumpção da sancta Virgem, destruida pelo archanjo S. Miguel; da pintura do Rio de Janeiro, emblema do carro de triumpho; e sobre todos esse do Paraiso, onde o poeta collocou as picturescas scenas da patria e seus ricos productos, como os melhores.

Caldas e S. Carlos foram alem de poetas, eximios oradores, e pobres e esquecidos de seus patricios desceram ao tumulo e ahi jazem sepultados, como tantos outros, sem que a patria os despique das injustiças que soffreram!

Que exemplos a futuros escriptores!

João Pereira da Silva, tambem do Rio de Janeiro, compoz e traduziu das linguas latina, franceza, ingleza e italiana, numerosas poesias que se perderam, bem como seus sermoens, por occasião de sua morte. Apezar da profissão a que se votara não cultivou como seus predecessores a poesia sagrada, deu-se a compoziçoens burlescas, satyricas e heroi-comicas, e n'este genero temos o seu poema em dous cantos, *A estolaida*, que jaz inedito, excepto o episodio *O Pão d'Assucar*. Falleceu n'esta cidade, com quasi setenta annos, em março 7 de 1818.

Bento de Figueredo Tenreiro Aranha, nascido na villa de Barcellos, antiga cabeça da commarca do Rio Negro da provincia do Pará, em setembro 4 de 1769 e fallescido em 11 de novembro de 1811, passou a vida

Das musas na agradavel companhia,

e d'entre tanto precioso manuscripto, em que recommendava sua memoria á posteridade e patenteava seu patriotismo, pouco mais nos resta que uma ode horaciana ao general Martinho

de Alboquerque e outra pindarica ao governador do Rio Negro, Manuel da Gama Lobo de Almeida, e o seguinte soneto a uma mameluca cruelmente assassinada, martyr da fedilidade conjugal, notavel pela ternura que respira e seu colorido poetico:

« — Si acaso aqui topares, caminhante,
Meu feio corpo ja cadaver feito,
Leva piedoso, com sentido aspeito
Esta nova ao esposo afflicto, errante.

» Diz lhe como do ferro penetrante
Me viste por fiel cravado o peito,
Lacerado, insepulto e ja subjeito
O tronco feio ao corvo altivolante.

» Que d'um monstro inhumano, lhe declara,
A mão cruel me tracta d'esta sorte,
Porem que allivio busque a dor amara.

» Lembrando-se que teve uma consorte,
Que, por honra da fé que lhe jurara,
A' mancha conjugal prefere a morte. — »

Francisco de Mello Franco, nascido em Paracatu, em 17 de setembro de 1757, assaz destinguiu-se na poesia heroi-comica. A calumnia de seus inimigos o conduziu ás masmorras sanguinolentas do execrando tribunal de S. Officio, e ahi ao pezo dos grilhões, supportando os mais duros soffrimentos com uma coragem estoica, compoz elle as suas melancolicas *Noites sem somno*, meditaçoens sublimes sobre as miserias da especie humana e a degeneração da fé e crueldade dos discipulos de Christo. Restituido á liberdade, escreveu dentro em quinze dias o seu bello poema heroi-comico *O reino da estupidez*, satyra tertivel á Universidade de Coimbra, n'aqual teve alguma parte o seu amigo Jozé Bonifacio de Andrade e Silva. Interessante são os episodios que o adornam, e classica a linguagem.

Mello Franco foi, alem de eximio litterato, medico de muita fama, cujos relevantes serviços prestados a humanidade serão um monumento eterno, que ajudará a propagar seu nome. Morreu em Ubatuba, em julho 22 de 1823.

Victima da revolução pernambucana de 1817, João Baptista da Fonseca, natural de Pernambuco, arrastou uma existencia penosa e morreu cheio de desgosto. D'entre numerosas poesias que compozera, apenas publicou-se o poemeto *A victima da amisade*, em cujas oitavas transluz o talento não mediocre do auctor.

VI.

QUINTA EPOCHA.

DESDE A PROCLAMAÇAÓ DA INDEPENDENCIA NACIONAL ATÉ A REFORMA DA POESIA.

Com a proclamação da independencia, que uma nova epocha de gloria, explendor e prosperidade marcou nos annaes do mais heroico povo do novo mundo, vasto campo se abriu a patria litteratura. Com a luz que derrama o pharol de nossa liberdade la se esvaecem as trevas da torva ignorancia; diffundem-se por todos os angulos do nascente imperio as sciencias, as artes e as lettras; e em tempos de tanto enthusiasmo, — passados tempos, que não mais veremos! — a poesia se elevou para celebrar os feitos gloriosos dos defensores da patria e cantar a independencia da nação, proclamada nos saudaveis campos do Ypiranga per um principe magnanimo, que trocara o solio dos Affonsos polo throno americano.

Grandes e de nome foram os poetas que floresceram em an-

nos de tanta gloria. José Bonifacio de Andrade e Silva, geralmente apprecíado pelo mundo scientifico, foi um dos que mais se assignalaram; mas é para admirar que homem de tam vastos conhecimentos, dotado de tantos talentos, não nos deixasse cousa de mor valia, que esses fragmentos de poesias e essas, para sentir, tam poucas porem tam bellas composiçoens, escriptas por ventura no estylo de Francisco Manuel, de quem era muito intimo. (*) Suas odes sobre a poesia e amisade são excellentes; cheias de melancholia e saudade aquella em que pranteia a perda de um poeta bucolico, seu amigo, e a que se intitula *O poeta desterrado*. A sobre a vida campesina e a dirigida ao rei D. João VI, ao gosto oriental, são de excessiva elegancia, e ácima de todo o louvor aquella em que Melciades, erguendo-se de sepulchro, proclama aos Helenos a independencia da Grecia, e esta, como uma phenix renascida de seus proprios restos, brada com enthusiasmo e esperança:

« — Ou liberdade ou morte! —»

As cantatas a Nize e a Eulina e a anacreontica sobre a creação da mulher, algum tanto voluptuosas, encerram suas gentilezas poeticas. Respira profunda tristeza que sensibilisa, terna melancholia que compunge, aquella tarde passada no sitio de S. Amaro, em S. Paulo, sua patria. A epistola a *Lucindo*, que até aqui se não tem publicado, comprehendea historia de suas desgraças na terra do exilio, suas saudades longo do solo natural e seus ardentes desejos de tornal-o a ver e espirar n'ello..... Oh que elle não previa as perseguiçoens que o aguardavam, as perseguiçoens que abreviariam seus dias!...

José da Natividade Saldanha, nascido em Pernambuco, em

(*) *V. Poesias avulsas de Americo Elysio*, 1 *V.*e *in*-8.º *Bordeos* 1825.

8 de setembro de 1796, illustrou-se com um volumesinho de poesias, que fez publicar em Coimbra, quando alli estudava. (*)

Hardido como Pindaro, patriotico como Ecouchard Lebrun, magestoso como Diniz, abalançou-se á elevada e pomposa poesia pindarica e emparelhou com Pindaro na hardidez, com Ecouchard Lebrun no patriotismo, com Diniz na magestade e pompa da versificação, e deixou-nos quatro bellas odes pindaricas. A primeira dirigida a Vidal de Negreiros, Brasileiro illustre e laureado pela victoria em algumas batalhas, parece ter sido o primeiro voo do poeta, mas nem por isso lhe falta a energia nos versos, a nobreza nos pensamentos e essa *bella desordem*, que requer similhante casta de poesia. Na segunda ao grande Camarão, tomando azas de aguia, mais e mais se remonta. Na terceira a Henrique Dias é ainda mais pindarico; seus pensamentos são nobres e seu estro encendeia-se com furor. Na quarta tudo cresce; as acçoens do immortal Rabellinho inflammam a mente do Pindaro brasileiro, que com elle se arroja ao meio dos pelejadores; — o sonido das armas, — o sibilar das ballas, — os gritos dos guerreiros, — os trovoens da guerra lhe retinem nos versos! Elle segue passo a passo ao heroe pernambucano até sua ultima acção, até o derradeiro instante do martyr da patria, que morre honrada morte pugnando pola sua cauza!

Não menos para prezar-se são os seus sonetos, suas odes horacianas e anacreonticas, seus dithyrambos e suas cantatas, que encerram grande copia de elegancias e bellezas poeticas.

Tomou este nosso auctor mui activa parte na *Revolução pernambucana de* 1824 como secretario do governo da *Republica do Equador*; d'ahi a necessidade de emigrar para um dos estados da União Americana a fim de subtrair-se á sorte de

(*) *Poesias offerecidas aos amantes do Brasil.* 1 V.° *in*-8.° *Coimbra* 1822.

UNIVERS. DE S. PAULO BIBLIOTHECA

Ratcliff, Metrowich e Loureiro, e eil-o ahi da popa do *Triveed*, olhos cravados nos patrios sitios, mandando suas despedidas á patria:

Segunda vez te deixo, oh patria amada,
Luctando braço a braço co'a desgraça;
Um momento que foge, outro que passa,
Grava mais tua sorte amargurada!

Povo inconstante, que assimilha ao nada,
A' luz do brilho teu, ofusca, embaça
E a dura sorte, só comtigo escassa,
Das maons te rouba a vingadora espada!

O teu sangue correndo em dura guerra,
Levantaste o cutello refulgente,
Porem cedeste, baqueando em terra!.....

E esse, que amor teu no peito ingente
E terno e meigo e docemente encerra,
Vae teus males carpir eternamente!.... (*)

E longe d'ella, carpindo seus males, viveu involto em gloria e miseria, e assim terminou existencia tam apprecivel! — Esse o destino de nossas notabilidades!

Não somos nós os netos de Alboquerque,
Raça de Lusos? . . . . . .

Lucas José de Alvarenga, de Minas Geraes, deu-se á poesia erotica e deixou-nos mui bonitas cousas, que correm impressas. Em egual genero de poesia se destinguiu D. Maria Josepha Pereira Pinto Borretto, natural do Rio Grande do Sul, de quem possuimos elegantes producçoens, que breve serão publicadas.

(*) Este soneto é inedito e nos foi communicado pelo Sr. J. J. Pinto Vedras.

Poeta elegante e de algum merecimento foi o general Luiz Paulino, da Baia, assim se libertasse elle d'esse estylo bocagiano ou elmanistas, que tanta quebra dá nas composiçaens de nossos contemporaneos. O soneto composto na hora da morte, como realmente o foi, é requissimo e isempto d'essa pecha. Seu comprovinciano, Manuel Ferreira de Araujo Guimaraens, abalisado nas sciencias exactas, cultivou a poesia lyrica, mas com pouca felicidade, que essa

. . . . . phantasia
Estragada por circulos e rectas,

não era para poesia, e suas producçoens, a mor parte selladas com o cunho da mediocridade, ahi jazem e forem o assumpto de justas censuras de seus coevos.

Luiz Antonio da Silva e Souza, compoz algumas poesias ligeiras, e traduziu a *Jerusalem libertada* de Tasso. Falleceu em Goyaz, sua patria, em 1840.

A prematura morte dos jovens, João de Almeida Coelho, natural de Sancta Catharina, e Francisco Bernardino Ribeiro, do Rio de Janeiro, foi assaz sensivel para nossa litteratura, e sobre tudo a de Evaristo Ferreira da Veiga, moço de extraordinarios talentos, um dos ornamentos litterarios de nossa patria, cujas numerosas poesias ineditas não hão visto a luz pola incuria de seus parentes!....

Merecem particular menção outros muitos illustres auctores, que ainda entre nos vivem e que pertencem a esta epocha.

Os Ex.mos Srs. Francisco Vilella Barbosa, marquez de Paranaguá, e Domingos Borges de Barros, visconde da Pedra-branca, são auctores de estimaveis poesias.

O Rev.mo Sr. conego J. da Cunha Barboza, digno discipulo de Silva Alvarenga, firmou sua reputação poetica com a pu-

blicação de um bello poema. O *Nictheroy*, metamorphose do Rio de Janeiro, é sem contestação alguma um dos primores de nossa litteratura em seu genero. A descripção da nossa baía é lindissima e nada deixa a desejar. Os megatherios e mamoths arrastando enormes penedos, é uma lembrança original e feliz, e os versos sempre cheios e harmoniosos, e a linguagem puritana, não são por certo qualidades communs. *Prothea*, idyllio, *Hero e Leandro*, cantata, são composições ineditas de egual merecimento.

Os Srs. João Gualberto Ferreira dos Sanctos Reis e Ladislau dos Sanctos Titara, irmãos, naturaes da Baía, hão additado á litteratura nacional bonitas composições. O primeiro collegiu e verteu da lingua latina os despersos cantos das *Georgicas brasileiras*, e produziu *A saudade paterna*, trecho sublime da mais pathetica poesia: o segundo compoz e publicou recentemente *Paraguaçu*, poema em muitos cantos.

Os Srs. José Eloi Ottoni, a quem devemos as boas traducções dos *Proverbios* de Salomão e do poema arabe *Job*, esse monumento sublime da mais elevada poesia e profícua moral; J. G. Ledo, auctor de numerosas poesias eroticas de uma delicadeza excessiva, de uma harmonia extrema; Paulo José de Mello, cujas composições heroi-comicas são geralmente conhecidas e lidas com avidez; Castello-branco, que ha composto os poemas *O impio confundido* e *Lucifer*; O Srs. O. S. de Carvalho e Silva, R. de Souza da Silva Pontes, C. J. de Araujo Vianna, são abalisados auctores de que a patria se ufana, e dos quaes espera innumerosas riquezas poeticas.

Nos ultimos annos d'esta epocha, que finda com a apparição de um bello talento, para dar nascimento a outra de esperanças, que em parte ja são realidades, começaram de apparecer outros auctores, dos quaes a poesia espera abastança,

e taes são as poetisas D. Delfina, D. Beatriz, e os Srs. F. Muniz Barreto, J. Theodomiro dos Sanctos, José Maria do Amaral, A. J. de Araujo, A. Candido de Lima, e entre elles esse joven dotado de grandes talentos, como que vindo das bordas do sepulchro, para alguns annos de pos acclamar-se coripheu de uma nova poesia em sua patria.

Em sua apparição no estadio da litteratura brasileira, com um opusculo de bellas poesias, o Sr. D. J. G. de Magalhaens foi saudado pelas notabilidades do paiz e Evaristo Ferreira da Veiga e o visconde de Cayru lhe tributaram publicamente não immeritos encomeos, e tanto mais que «—ha tempos de nossos prelos não saia um opusculo que tanto lustre desse a nossa litteratura, e que fizesse apparecer em tanto relevo o bom ingenho brasiliano.—»

Citaremos as proprias palavras do auctor noticiando os motivos que deram logar a publicação de suas producçoens:

«—Estava eu moribundo quando meus amigos as mandaram imprimir para divertir o tedio da passagem, para consolar os ultimos claroens de minha existencia. Queriam elles adormecer minha alma, embalando-a; e elles a chamaram a vida: foi este livro pois o meu salvador.—»

Animado e seduzido por doces esperanças, pela gloria de tornar-se ainda um dia lustre e fama de sua patria, embarcou-se para Europa, avido de sapiencia, onde assaz instruiu-se, e d'onde voltou rodeado de homenagens, que lhe dedicaram illustrados estrangeiros. O Sr. Magalhaens só, sem auxilio de outrem, effectoou a tam desejada reforma da poesia brasileira, lembrada ha annos por Mr. Ferdinand Denis, que enthusiasta do Brasil lhe prophetisara uma epocha de esplendor e gloria litteraria; —prophecia que vae realisando-se;— epocha, que principia a raiar!

VII.

SEXTA EPOCHA.

DA REFORMA DA POESIA.

Sim Mr. Ferdinand Denis tinha predicto—que o Brasil, que sentira a necessidade de adoptar instituiçoens differentes das que lhe impozera a Europa,—que o Brasil conhecia tambem a necessidade de ir beber suas inspiraçoens poeticas á fonte que lhe verdadeiramente pertence;—que o Brasil coroado com o esplendor de sua nascente gloria publicaria dentro em pouco tempo as primorosas obras d'esse primeiro enthusiasmo que attesta a galhardia e mocidade de qualquer povo (*); —sim a prophecia cumpria-se e essa epocha de gloria litteraria vem raiando!

Um joven nascido sobre o pictoresco solo do Rio de Janeiro, abrasado nas chammas da poesia, avido de nome, ardente de gloria, nutrido em sua infancia com a leitura dos poetas dado ás ficçoens do cego bardo de Smyrna e do velho can-

(*) *Résumé de l'hist. litt. du Brésil, chap. I. pag. 515.*

tor de Ascra, deixou-se fascinar dos seductores numes da antiga Grecia e caminhou sobre os sediços trilhos do Pindo! E todavia ja M.me De Staël e Mr. de Chateaubriand haviam creado a nova eschola do christianismo; ja Mr. de Lamartine se immortalisava com seus melancholicos e mysticos canticos, e a moderna Allemanha trilhava os passos dos Navalis e Schlegels: ja na Inglaterra Byron, na Hespanha Martinez de la Rosa e em Portugal o Sr. Garrett haviam dado o signal para a reforma è proclamado a liberdade do genio, e forçoso era ao genio brasileiro ou progredir nas safadas sendas do Parnaso ou expor-se aos furores da inveja, encetando a difficil carreira: expoz-se, ergueu o estandarte da reforma, poz-se á frente da mocidade e uma nova epocha começou para a poesia brasileira. Louvores ao joven Fluminense! Louvores a Sr. Dr. D. J. G. de Magalhaens!

Aqui o logar proprio para analysarmos esses bellos canticos de nosso compatriota, arrancados do fundo d'alma, inspirados pela saudade, pelo amor da patria e pela Religião christan: mas como circumscrevel-os nós em os tam acanhados limites d'este bosquejo? E de mais uma razão nos dispensa de tanto trabalho:—é o conhecimento que o publico tem dos *Suspiros poeticos e saudades* do distincto poeta, aos quaes deve o auctor toda a reputação de seus talentos, toda a fama de seu nome na Europa.

Uma das primeiras tragedias que viu a scena brasileira é egualmente devida ao talento do Sr. D. J. G. de Magalhaens. O patriotismo a inspirou, com ella arrancou o auctor o nome e a memoria de um Fluminense conspicuo ao frio esquecimento em que jazia sepultado: e o publico fez-lhe inteira justiça, não favor, acolhendo-a com enthusiasmo.

O *Olgiato* muito menos interessante que o *Antonio José ou*

o poeta e a Inquisição, de que acabamos de fallar, será melhor apreciado quando impresso, e brevemente *Masaniello*, e *A conjuração dos Tavoras*, virão augmentar o mesquinho repertorio do theatro nacional, composto até aqui quasi de miseraveis traducçoens,—com raras e bem raras excepçoens,—de estrangeiros dramas.

Uma composição que contribuirá para mais realçar o nome do Sr. Magalhaens é o seu bello poema *A confederação dos Tamoyos*. Os episodios dos quatro primeiros cantos, que se acham concluidos, são riquissimos. A descripção do Brasil e de seus dous assombrosos rios, essas balisas naturaes que avultam ao norte e ao sul; o discurso do chefe Aimbere, o cantico de guerra do bardo dos desertos, Conquira; e as saudosas endeixas de Yguaçú, são de um colorido admiravel, e a poesia donosa e bella.

Summo prazer causou-nos a leitura da *Voz da natureza*, cantico sobre as ruinas de Cumas pelo nosso eximio artista o Sr. M. de Araujo Porto Alegre. É a natureza exprimida pelo genio! Grandes são as imagens, grandes os pensamentos que figuram n'essa pomposa prosopopeia. O sinistro e o terrivel se mesclam de momento em momento com o bello, com o terno e o mavioso, e o sublime domina tudo e lampeja em todos os periodos. E ha quem negue o titulo de poeta, quem negue uma imaginação ardente, replecta de poesia, ao Sr. M. de Araujo Porto Alegre! De egual merecimento era um poema heroi-comico-satyrico, que compozera durante a sua demora em Bruxelas em 1835, mas infelizmente para a nossa litteratura, cujo cathalogo de obras perdidas é mais extenso que o das existentes, o poema perdeu-se e não ha esperanças de restaural-o. A invocação e alguns episodios eram riquissimos, e cada um de per si bastariam para firmar a reputação poetica do auctor.

O seu *Prologo dramatico*, tam injustamente criticado, é producção que lhe faz muita honra; o mesmo estylo que o da *Voz da natureza*, a mesma hardidez, a mesma magestade e pompa de poesia resumbram em suas scenas.

De justo elogio é credor o Sr. M. Odorico Mendes, poeta elegantissimo, cujas compoziçoens são lidas com avidez. E que riqueza de linguagem não conteem ellas? Que perfume de poesia não respiram? Como falla á alma e ao coração esse *Hymno á tarde* quando ausente da patria, e que tanto estasiara a Evaristo Ferreira da Veiga? Que doce philosophia, que proficua moral não se encontra n'esse *O meu retiro*? Como é bello esse *O sonho*? Assim não fosse tam avaro o Sr. M. Odorico Mendes em publicar suas poesias!

As traducçoens das tragedias de Voltaire, *Merope* e *Tancredo* são primorosas, e o acolhimento que lhes o publico fizera requer da gratidão do Sr. M. Odorico Mendes a continuação da traducção das melhores tragedias do philosopho de Ferney.

Em numero são os auctores que conta a nova eschola. O publico apprecia as compoziçoens ineditas ou impressas, *Uma manhan em Minas*, *O tumulo do jovem Adolpho*, *A primeira impressão de amor*, *O ultimo adeus*, *A mira ou a solidão*, *A morte de Ossian*, e *Uma noite no cimeterio* do Sr. J. A. de Lemos Magalhaens; *A saudade*, *A inconstancia*, *O desingano*; *As lagrymas*, a nenia *A' morte de meu bom amigo F. Bernardino Ribeiro* e a fabula *O sapo, a cobra e o cysne*, do Sr. F. Rodrigues Silva; *O sabiá*, e *O carrasco* do Sr. A. A. Queiroga; *Jonio e Olina* do Sr. A. J. A. da Silva Paz; as fabulas do Sr. J. J. Teixeira: *os Canticos lyricos* do Sr. A. G. Teixeira e Souza: e nós lhe denunciamos a existencia de dous jovens poetas, que por certo honrarão a patria com suas producçoens: os Srs. F. Octaviano de Almeida Rosa e A. Claudio Soydo Junior.

A traducção das obras de Byron, que está concluindo o Sr. Dr. F. J. Pinheiro Guimaraens, firmará sem duvida a sua reputação como eximio poeta traductor.

Uma sociedade litteraria vem de ser installada n'esta côrte, e brevemente terá logar a sua inauguração solemne. A *Arcadia brasileira* é uma bella concepção que tem por fim a emulação dos poetas brasileiros, e que por certo assaz concorrerá para o augmento e enriquecimento de nossa litteratura. A juventude bem vontade tem de apparecer na arena das artes, das sciencias e das lettras; seus desejos são ardentes e nobres, seus votos puros e sublimes, porém falta-lhe o sopro animador da administração que a bafeje, o apoio sustentador que a mantenha.... Falta-lhe pois tudo!

VIII.

CONCLUSÃO.

Eis o passado e o presente de nossa poesia, e qual será o seu futuro? Oh que nosso coração palpita de esperança, de gloria e de enthusiasmo á vista d'esta mocidade, que do berço se eleva tam amante das lettras e seduzida do amor da gloria! Elle será glorioso, e, por ventura, os litteratos mais prezados que presentemente, mas cumpre avançar e não retrogradar, e ao cabo a gloriosa meta.

Vós, que dirigis a juventude brasileira, protegei as sciencias, as artes e as lettras: iniciae-a em seus mysterios: galardoae os que d'entre ella se assignalarem, que o estimulo não deixará que um ou outro tam somente se distinga: e ella percorrendo a estrada da gloria, irá aos campos do futuro, que tam grato nos surri, colher louros: lá estão os vossos tumulos, la ella cingirá as vossas frontes com os laureis triumphosos, que não na vida mas tam somente de sobre o tumulo se recebem, como Homero, como Camoens, como Tasso,

como Zriny, como Milton, como Gilbert, e tantos outros receberam. Das campas se alevantam as glorias dos grandes homens, que não do berço, como os rios que mais assombrosos são aonde se extinguem. Ai do cultivador si o queimor do sol lhe cresta o tenro grelo do arbusto ou lh'o roe o verme, que la desparece sua esperança e os fructos falham! Assim si vós, que governaes, si vós a quem pertencem os louros do futuro, que colher ha de a juventude para enfeitar vossas cabeças, deixardes de alental-a, deixardes a caïr em langor e adormecimento, ella existirá como o arbusto exhaurido de seus renovos e sem fructos!

O porvir! — Eis a esperança do Brasil! — Eis a epocha que vislumbra com brilho e magestade atravez de seu veo! — Que esse porvir se converta em esplendido presente! — Que essa esperança não seja sempre sonho mas realidade! — Que essa epocha venha de raiar e que em bem nos fade o ceo! Taes são os votos que nós cheio de esperança no futuro da patria, com o coração palpitante pelo amor de gloria, com a mente repleeta dos mais patrioticos pensamentos, e encendido de enthusiasmo por tudo quanto é bello, util, grande, sublime, sancto e justo, fazemos ao terminar esta mal esboçada historia da poesia brasileira.

1841.

FIM DO BOSQUEJO.

Rio de Janeiro 1841. — Typ. Franc., rua de S. José n. 64.

MODULAÇÕENS POETICAS.

A MEU MESTRE,

AO DISTINCTO POETA BRASILEIRO,

O Illm. Sr. Dr. D. F. G. de Magalhaens.

Oh mestre, cuja mão plantou meu estro,
Olha com brando rosto os fructos d'elle!
CASTILHO.

A ti, que me estradaste
Da gloria ao templo magestoso e bello,
E «— avante! —» me bradavas,
Quando inda acovardado
O coração nas ancias me pulsava
Do timido receio,
E nem si quer ousava
A rouca voz soltar do debil peito,
E os dedos applicar a doce lyra;
Rei das cançoens, oh bardo brasileiro,
A ti grato consagro
Os meus canticos rusticos, singellos,
Mas sincera homenagem de minh'alma!

Alegre o sabiá deixando o ninho,
Em tanto amor formado,
Sobre o galhinho de frondoso arbusto,
Ao lado da maesinha,
A voz ensaia, um cantico desprende;
E a extremosa nutriz, que o ser lhe dera,
Essa offrenda de amor meiga recebe,
— Terna retribuição de seus carinhos!

Loureja ao longe, surdo sussurrando
Vasto canavial da briza ao sopro;
Com esperançosos olhos ve, contempla
O avido colono
Essa offerta da madre natureza,
— Prodigo premio das fadigas suas!

Oh vate, oh meu cultor, si a voz desato,
Minhas modulaçoens a ti se elevam;
As chordas da harmonia em mim vibraste,
Gratos os sons te sejam que desfiro.

I.

AO SOL.

. . . . . O' sol
Pulcher! O' laudande! Canam.....
HORATIUS.

Sim, creada era a terra, e o ceo creado,
E as trevas condensadas
Sobre a face do abysmo se detinham;
Do Senhor o espirito levado
Per cima era das aguas,
Qual brando sopro de galerno vento,
Quando na immensidade
A voz divina retumbou potente;
« — Faça-se a luz! — » E subito brilhando
D'entre as sombras surgiu o alvo dia;
No turbado occidente
A noite se acolheu torva, sombria.

E, ao mago acceno
Divo e superno
Do braço eterno,
O cahos medonho
Se vae tornando
Um universo
Todo risonho;
Ensombram, cobrem
O valle e o prado
Bosques copados,
Engrinaldados
De lindas flores,
Que exhalam gratos,
Finos odores;
Tapiza o monte
Relva macia,
Onde cicia
De quando a quando
O halito brando
Da viração;
Descem do cume
D'altas collinas
Mil serpentinas,
Claras torrentes,
Que, passeiando
Pelas campinas,
Fertilisando,
A terra vão.

E de novo resoa a voz do Eterno
Na vasta immensidade,
Oh assombro! Oh celeste maravilha!
Entre milhoens de scintillantes astros
Um astro brilha sobranceiro a todos,
E portentoso é tudo!
Um astro brilha, que reflecte o lume
Da face do Senhor miraculoso,
E co'os astros, que em torno d'elle gyram,
A luz reparte prodigo, assombroso!

Salve, oh rei da natureza!
Salve, oh astro, pae do dia,
Que abrilhantas o universo,
Messageiro de alegria!

Oh como não foi bella
A vez primeira a tua luz fulgente
Presurosa rasgando o ambiente!
Como mal despontaram
A vez terceira os raios teus dourados
Alegres te saudaram
Os musicos dos prados
Com grata, com suave melodia!
Assombrado de tua magestade
Curvou-se o homem alfim; e em ti a obra
De adoração credora,
Prototypa da summa Divindade,
Humildemente adora!

Salve, oh rei da natureza!
Salve, oh astro, pae do dia.
Que abrilhantas o universo,
Messageiro de alegria!

Como as aves te saüdam
Mal surge teu arrebol,
Eu tambem, cantor brasilio,
Te saüdo, ameno sol!

Salve, oh rei da natureza!
Salve, oh astro, pae do dia,
Que abrilhantas o universo,
Messageiro de alegria!

N'este ceo de saphira
Qual, oh sol, te ostentaste a vez primeira
Radiante de luz, astro dos astros,
Ainda hoje te ostentas!
Ja seculos e seculos volveram,
E humanas geraçoens se succederam,
E inda cheio de luz, de luz derramas
O oceano em que nadas magestoso!
Hontem no occaso teu, involto em chammas,
Deixaste o mundo em trevas sepultado,
Hoje assomas mais puro, mais pomposo!
Assim de dia em dia nos recordas
Que á voz da Divindade
D'entre as sombras nocturnas rebentando,
Abrilhantaste a etherea immensidade.

Oh sol, oh rei dos astros,
Que fulguras nos Tropicos radioso!
Satellite de Deus! Senhor das luzes!
Ah todo tu me inflammas!
Mercê do ceo, te vejo
Sereno perlustrar o firmamento
C'lorindo nuvens, campos verdejando,
E luz, calor e vida e movimento
Aos astros outorgando,
E sempre e sempre por te ver suspiro!

—Ou na manhan
Do hinverno iroso
Rompendo airoso
Seu denso veo,
Todo te mostres
Placido e brando
Abrilhantando
O azul do ceo;
—Ou no zenith
Igneo luzindo
Vas despargindo
Raios de luz,
Que aquece e anima
A terra fria,
E tudo cria,
Tudo produz;
—Ou pela tarde
Do estio ardente

La no oppoente
Vas te esconder,
Sempre me causas
Sensaçoens gratas,
E me arrebatas,
Me daz prazer!

Como correndo toda a redondeza
As acçoens dos mortaes te são patentes!
Tu escutas os canticos sagrados
Que ao Creador envia a natureza,
Ouves milhoens de povos, que accurvados
A Deus mandam mil preces,
Ou quando accezo assomas no oriente,
Ou quando despareces no occidente!

E tu me ves, oh sol, e tu me escutas?
Ou atomo na terra
Me perderei na confuzão dos atomos?
Ou fragil a voz minha
Se perderá na confuzão das vozes?
Não; —tu me ves, oh sol! Não; —tu me escutas,
E me inspiras benigno!

Oh dá, oh sol, que eu possa,
Errando o mundo de illusoens e incantos,
Enlevado nos magicos concentos
Da diva poesia,
Aos sublimes accentos
Da angelica, gratissima harmonia

Tecer-te novos cantos,
E em sacrosancto enthusiasmo immerso
A minha alma subir venerabunda
Ao Arbitro supremo do universo.

Brilha oh sol, astro formoso,
Adorno da natureza,
Que de um Ser, Ser per si mesmo,
Annuncias a grandeza!

Tua presença dá vida
A portentosa natura,
Que a teus raios patenteia
Toda a sua formosura:

E, si te ausentas, parece
Em tristeza se abysmar,
E nos braços do repouso
Por nova vida esperar.

E tu, sempre ufano e cheio
De tua magnificencia,
Nos trazes de dia a dia
Luz e vida e intelligencia.

Brilha, oh sol, astro formoso,
Adorno da natureza,
Que de um Ser, Ser per si mesmo,
Annuncias a grandeza!

II.

A MEU MESTRE

O Illm. Sr. Dr. D. J. G. de Magalhaens.

Après le génie ce qu'il y a de plus semblable
à lui, c'est de le connaître et de l'admirer.
Mme de Staël.

Peintre des passions, ta savante magie
Par les charmes divins de la variété
Prête aux moindres couleurs, de l'ame et de la vie,
Et le vrai ton de la beauté.
MORIN.

Per entre erguidas vagas,
E arenosas syrtes;
Per entre o surdo, desinvolto vento,
Que ameaça romper duras enxarcias;
Vendo estalar-se a abóbada celeste,
Rasgar as atras nuvens.
Mil abrazados raios sibilantes,
Que dos mares no bárathro profundo
Rancisonos ribombam,

De Deus cheio, de Deus cantando a gloria,
Affeito do baxel o leme rege
O entrepido Alboquerque, (*) cujo nome
Egregia sublimara
A deslembrada lyra em que soara. (**)

Assim illustre bardo.
Te vejo remontar o ceo glorioso
Sem que as faces o medo te descore,
E da calumnia atroz, da vil intriga
Os brados desprezando,
Te vas eternisando
Com teus cantos de gloria alticadentes,
Memoravel padrão, que sobranceiro
Ao rijo bronze, ao mármor,
Eterno existirá no mundo inteiro.

Por ti meu peito sinto
Arder de amor da patria;
Tu me ateaste a flamma
Do sancto amor da gloria chammejante;
Do errado trilho, que vingava a custo,
A mente illuminando, me arrancaste,
Mas ah, de ti ainda necessito!
Da gloria sobre a estrada eis-me sem guia,
Qual triste perigrino,

Univers. de S. Paulo BIBLIOTHECA Fac. de Filos. Sciencias

(*) Jorge de Alboquerquer Coelho. Veja-se *Hist. trag. marit.* tom. II pag. 1 à 39.

(**) Allusão a Bento Teixeira Pinto, auctor do poema *Prosopopeia*.

Que em saudosas ideias engolphado,
Que o patrio ninho seu lhe estão lembrando,
Perdido move não-seguros passos
Pola querida patria suspirando.

Mal vegeta o arbusto
Que do campo no meio se alevanta
Esposto á furia de tuphoens medonhos,
E aos embates de raios mil rompentes,
Não por abrigo tendo
Suberbos pekiás, cedros ingentes,
Nem cultor que cuidoso o cure sempre;
No entanto os que, dos pekiás á sombra,
Nasceram, magestosos vão-se erguendo,
Té que de flores mil se guarnecendo,
Gemem em breve os ramos accurvados
Ao pezo de cem pomos sazonados.

Illustre Magalhaens, quando te vejo
O estro alticadente!
Mas é sublime inveja
D'alma isempta de orgulho, que te exalta,
E co'a patria se apraz assaz de ouvir-te,
E com ella se ufana em possuir-te.

Magalhaens! Magalhaens! Excelso bardo!
Dos Basilios rival, rival dos Caldas!
Immortal corypheu dos patrios vates!
Philosopho preclaro!
O vento, que cicia

Sobre nossas cabeças, desparece;
O relampo, que brilha logo morre;
O esteiro, que o batel no pego deixa
Manso e manso se extingue,
E marmorea columna de evo em evo
Debastando se vae do tempo á lima,
Té que de toda ao solo se annivela,
E da existencia sua
As geraçoens signal algum não herdam;
Mas de Homero e Virgilio e Tasso e Milton
Sempiternos serão os monumentos,
Que seus genios aos genios seus ergueram.

Assim tua lembrança
Esses padroens, que elevas, perennisam!
E, como ondas de luz do sol fulgente,
Teu nome sobre a terra se derrama;
Teu nome, que o Senhor abençoara
La quando meditavas
Sobre os exparsos restos,
Venerandas reliquias de alta Roma,
Que tanto os seus heroes engrandeceram
E que hoje escrava e malfadada soffre
Ferros, escravidão! Ah dos sepulchros
Não despertam Catoens e Fabianos,
E Cassios, Brutos, Scipioens, Camillos,
Que a vinguem de seus barbaros tyrannos!

Oh que então la, distante d'esta patria,

Era doce a tua alma
O echo de seu nome!
Per ella suspiravas,
E cada teu suspiro era um moimento
Que á gloria sua egregio levantavas!

Magalhaens! Magalhaens! Esmalte e honra
Das brasilicas plagas!
Si tu sem conductor, so, adejando
Da memoria no templo penetraste
Ao genio, ao estro teu tudo deveste,
—Que o sol mesmo illumina a rota sua!
Porem eu, que qual ave implume ainda
Não me é dado alear, seguir não ouso
De aguia robusta o accelerado voo,
Aquem seu voo imita o arrimo invoco;
Aveza-me a ensaiar as debeis azas,
Ensina-me a subir da terra aos astros,
Que a pura, sancta flamma,
Que á minha mente abraza,
Me excita á gloria, me convida á fama.

III.

O MALMEQUER.

Oraculo de amor,
Propicio lhe responde.
ANTONIO JOSÉ.

Inda prazeres e incantos
A terra me offerecia,
E tam somente de flores
Esmaltada a terra via.

Não sabia o que era o mundo,
Não conhecia os humanos,
Ignorava a existencia
De enredos, dolos, inganos.

E eu ja te amava, Corina,
Sem saber o que era amor!
E eu ja te amava e adorava,
Todo ventura e candor!

Quando meigo e sorrateiro
A teus braços me furtava,
E os labios nacarados
Das irmans tuas beijava;

E com ellas me entretinha
Em os ludos infantis,
Tu assomavas do pejo
A cor ás faces gentis.

E enfadada te mostravas,
Negavas-me um teu surrir,
Desviavas-me teus olhos,
Desdenhavas de me ouvir.

Si eu esclamava: «— Eu te amo! —»
Ternamente te abraçando,
«— Da-me a prova, — » me dizias,
Um malmequer me offertando.

Uma per uma a florinha
Os seus pétalos perdia,
«— Bem me queres, mal me queres, — »
Desfolhando eu repetia.

E per fim o derradeiro
Firmava-te meu amor,
E para contrarial-a
Tu colhias outra flor.

E á palavra «— mal me queres —»
A ultima folha soltavas,
E então para mim olhando
«— Não me estimas! —» me voltavas!

E eu ainda te estimo!
Inda te adoro e te quero,
Que alma d'esta minh'alma
Ainda te considero!

Corina, Corina infida,
Para sempre me esqueceste!
Ao malvado malmequer
Tam cruel credito deste!

Ah de novo á flor pergunta
Si eu não sei, bella, te amar;
Si ella responder-te: «— sim —»
Tu podes a accreditar.

Si ella responder-te: «— não —»
Não lhe vas credito dar,
Qu'inda existe outro petalo,
Que ha-de tudo confirmar.

Esse petalo negar-te
Meu amor não pode, não;
Eil-o aqui dentro em meu peito,
Eis aqui — meu coração! —

IV.

SAUDAÇÃO

AO DIA 7 DE SETEMBRO EM 1838.

Ille dies. . . . .
Qui primus alma risit adorea.
HORATIO.

Como alegre desponta
No rúbido horisonte
O dia á liberdade consagrado,
Em que brasilia gente
Magnanima quebrou as vis cadeias
Da infanda tyrannia!

Assim outrora, vós, nascente povo,
De gloria vos cobristes
Quando de Ganabára os invazores
De golpe anniquilastes!

Assim outrora viram
Os cavernosos, altos Guararapes
Domado o orgulho de batavas hostes,
E c'roados de louro os celsos cabos
Do brasileiro exercito.

Assim outrora da africana turba, (*)
Que á sombra das palmeiras se abrigava,
Da lámina fulgente aos duros córtes,
Rotos, espersos esquadroens traidores
Viu o Paulista, (**) impavido guerreiro,
Per entre espessos turbilhoens de fumo,
E rompentes pelouros sibilantes,
Que troantes horriveis vomitavam
Os inflammados bronzes ribombando,
Quaes terriveis trovoens rasgando as nuvens.

Dia de minha patria eu te saüdo!
Dia de minha patria,
A ti darei meus hymnos!
Da liberdade so o gran triumpho
Inneffavel prazer me outorga ao peito!

Brasil, oh patria exulta!
Esse, que entornas amargoso pranto
Hoje teus olhos macerar não deve;
Roce-te o riso as faces, d'ellas fuja
A pallida tristeza;
Os males teus esquece;
Teus suspiros não mais os ares cortem.

Dia de minha patria, eu te saüdo!
Dia de minha patria,
A ti darei meus hymnos!
Da liberdade so o gran triumpho
Inneffável prazer me outorga ao peito!

(*) Os Palmares.
(**) Domingos Jorges.

Brasileiros!.... De vós somente a patria
Aos males seus o refregerio aguarda!
Em laço estreito uni-vos,
Extingui as discordias!
Das bem-nascidas almas
Não são os odios, as paixoens partilha!
Eia a patria arrancae do negro abysmo
De horrorosa anarchia!
La ridente porvir eis nasçe, eis surge!
Liberdade! La vem teus dons celestes!
Eis naçoens do universo, oh pasmo, oh gloria!
Modelo das naçoens te apontam, patria!....

V.

AO JOVEM VATE

Joaquim Norberto de Souza Silva.

Lendo teus versos. . . . . .
. . . . . .
Dice entre mim — Depõe . . . a lyra,
Ja velha, ja cansada;
Que este mancebo vem tomar-te os louros
Ganhados n'aurea quadra. . . . . .
FRANCISCO MANUEL.

Quem é aquelle jovem,
Que, a sonorosa cythara pulsando,
Canta com doce voz melodiosa
O dia em que o Brasil lançou per terra
Os grilhoens que seus pulsos arroxavam?

Novo, canoro cysne
Canta da patria os feitos assombrosos,
Seus triumphos, seu nome e a gloria sua,
Crava n'elle o Brasil contente os olhos;
Applaude o choro dos celestes anjos,
Da harmonia as cytharas tangendo,
O fluminense vate.

Assim da velha Scocia em priscos tempos
De Oscar o cego pae, (*) inclyto bardo,
Vibrando as chordas d'ouro
Da harmoniosa lyra,
As acçoens dos heroes da patria filhos
Memorava sublime!

Assim de Thracia o vate, (**)
Junctando a voz divina ao som do plectro,
Os penedos, as rochas abalava,
Os euros suspendia!

Bardo da patria minha,
Tu choras, tu soluças
Contemplando o Brasil delacerado
Per maons de impios algozes?
Oh não pranteies, não suspires triste!
Empunha a lyra d'ouro,
Canta e breve a seus males poraz termo;
Canta e veraz os tigres sanguinosos,
Os jubados leoens deixando as brenhas
Correrem a teus pes para escutar-te,
E submissos cumprirem teus mandados!

JONIO AMERICO.

(*) Ossian, filho de Fingal.
(**) Orpheu.

VI.

A JONIO AMERICO.

Au banquet de la vie, infortuné convive,
J'apparus un jour et je meurs!
GILBERT.

Do patrio amor ardendo em pulchras flammas
De novo as aureas chordas maguava
Da lyra, por cantar brasilia gloria,
Mas eis que a voz rouqueja!

Do impectuoso, enthusiasmo sancto
Ja se apaga o furor, ja me não pulsa
O sangue as veias, ja debil palpita
O coração no peito.

Balbuciantes em meus frios labios,
Tinctos de pallidez, morrem-me os versos,
Que o bello ceo da patria me inspirara
Em socegada noite.

Em socegada noite, quando triste
Via brilhar nas aguas as estrellas,
E da pállida lua os frouxos raios
Os montes branquejavam:

E em silencio de morte a natureza
Estava como agora..... Como agora?
Oh meus férvidos ais o estão quebrando,
E os gemidos do mocho!....

No leito me revolvo da doença,
Onde em breve talvez meus dias murchem!
Ainda hontem nasci, ja hoje a morte
Vem terminar-me a vida!....

Morrer..... Oh que lembrança me flagella!
Morrer..... Oh eis o fim das dores nossas!
Morrer..... Não me entimida, mas saudoso
Na terra te não deixo?

E meu pae, meus irmaons e meus amigos.....
Amigos?.... Eis-me so aqui gemendo,
Qual solitaria no envergado ramo
A gemebunda rola!

Eu o estadio sou onde pleiteam
A vida e a morte, e cada qual se esforça
Por vencer, e minh'alma como o escudo
Os golpes seus recebe!

De momente a momento a dor me cresce,
Como no mar dos ventos açoutada
Mais e mais vão-se erguendo inquietas ondas
Té bejarem as nuvens.

De meu peito os suspiros maguados
Erram sob estes tectos, quaes nas tristes
E escuras penedias os bramidos
Do túmido oceano.

O Deus, que dos christaons attende os rogos,
Quiçá os males meus co'a morte finde,
Ou talvez os abrande, como abranda
Horrendas tempestades.

Então com que prazer tomando a lyra
Não contarei de novo o gran triumpho
Da vencedora patria, sem que as vozes
Nas fauces me rouquejem!

Então com que prazer, eximio vate,
Abrazado nas flammas sacrosanctas
Da grandiloqua, diva poesia,
Não te darei meus hymnos!

Mas em quanto a doença me enlanguece,
E me apunhal-a a dor, me escalda a febre,
Manda-me versos teus, que me consolem,
E o tédio me dissipem.

VII.

DESPEDIDAS

a meu irmão J. J. de S. S. Rio.

Pensa ch'io resto e peno:
E qualche volta almeno
Ricordati di me.
METASTASIO.

Amanhan saudade austera
Virá meu peito opprimir!
Amanhan dos braços meus
Ver-te-hei triste partir!

Mal rutile alva serena
As ondas te entregaraz,
E enternecido na praia,
Amigo, me deixaraz.

Tam ligeiro como o vento,
O baxel lavrando os mares
Te ausentará de mim triste,
Augmentará meus pezares.

No horisonte affogueado
Meus olhos se perderão;
Anciosos por te verem
Em balde te buscarão.

D'este amplexo, que nos une
Em momento tam saudoso,
Jamais, jamais te deslembre,
Terno irmão meu, carinhoso.

Como o sabiá, que adeja
Ao longo da cara amante,
Sem d'ella infido esquecer-se
Nem siquer um so instante;

Assim, distante de mim,
Não me deves olvidar;
Mais e mais, como a ti proprio,
Saibas sempre me estimar.

Este rúbido suspiro,
Esta flor, rouxa saudade,
Te lembrem algumas vezes
Nossas juras de amisade.

Quaes lembram juras sagradas
Ao mais fiel amador
Negras tranças, que lhe dera
O seu lindo e grato amor.

Univers. de S. Paulo BIBLIOTHECA

Vae jubiloso abraçar
A jovem, querida esposa,
E a innocente filhinha,
Mais que os cherubins formosa.

Vae; — ha muito ellas te esperam
Cheias de dor e amargura;
Vae; — muda pezares tantos
Em momentos de ventura.

Vae; — leva este meu amplexo
E estas ternas despedidas,
— Suspiros d'alma exhalados
Em endeixas mal carpidas.

VIII.

Á GUERRA.

O ANJO.

Mortaes é vossa obra — civil guerra!

TODOS.

Morte, destruição, silencio, cahos!
Só Deus é sempiterno, forte e justo!

ARAÚJO PORTO-ALEGRE.

— A' guerra! A' guerra! A' guerra! —
Eis o grito de horror,
Que á humanidade arranca
Gemidos de pavor!

Nos coraçoens das mães
O susto se derrama,
Da mocidade o peito
Da gloria cresta a flamma.

Da terra os claros rios
De sangue vão tingir-se,
De ruinas e de estragos
Os campos vão cobrir-se.

— A' guerra! A' guerra! A' guerra! —
Eis o grito de horror,
Que á humanidade arranca
Gemidos de pavor!

— A' guerra! Sim, á guerra! — Armas retinem!
De toda a parte combatentes surgem!
Qual das montanhas baixa
Accelerado rio,
E c'roado de troncos, ramos, cantos
Lá entra no oceano;
Soam nos ares horridos bramidos,
E rojado la fóra o mar ribomba!
Assim desce das grimpas
Dos elevados montes
Feroz, carmada alluvião guerreira.

Os vistosos pennachos, que meneia
Na pressurosa marcha,
Os pendoens que do vento ao sopro adejam
E os coloridos trajos,
Co'as erriçadas lanças pontiagudas
Qual movediço bosque se afigura.

Ja nas ferteis campinas se enfileira
Em torno aos estandartes undulantes
A flor da mocidade;
Despidas da ferrugem
Da boa e amiga paz que as consumia,
As lanças, as espadas retinindo,

Do sol reflectem coruscantes raios.

La vem trotando ao som da marcia tuba
A briosa cavallaria intrepida:
Relincham os ginetes;
O ar suberbos com a cauda açoutam,
Co'as maons a terra escarvam,
E os duros freios tascam,
Anhelantes de fumo, enxofre e sangue,
E bellicos horrores.

Tardios, nedios bois tiram os tubos
Pezados, que horrorosos veem rodando,
Que prestes inflammados
Vomitarão em negro fumo involtos
Estragos, cruas mortes,
Inimigas falanges mitralhando.

Todo o campo qualhado
De brava soldadesca e trem guerreiro,
Todo ja se amultua;
E alfim da guerra o grito echoa, estronda;
«— A's armas!—» soa, e ás armas correm todos,
E ao longe o vento vae bradando «— A's armas!—»

Longinquos sons se ouvem;
La uma alluvião de armados homens
D'entre o bosque saindo, vem marchando;
Os feros brutos galopando, nitrem;
Tinem as armas, roda a artilheria,

E a grita dos guerreiros,
E o rufar dos tambores,
E o canglor das trombetas,
Se mesclam, se harmonisam,
Como formando um cantico de guerra.
São os contrarios! São os inimigos!

Porem risonho inda é tudo,
Tudo paz inda respira:
Inda per entre os raminhos
Das arv'res aura suspira.

Inda prazeres e incantos
Offerece a natureza,
Inda em flores se surri,
Inda em si tudo é belleza.

Inda os regatos serenos
Se escoam pelas campinas;
Inda do sol doura a luz
As verdejantes campinas.

Inda as aves amorosas
Com suave melodia
Saüdam ao Creador,
Enchem tudo de harmonia.

Inda..... Ceos, que expectaculo horroroso!
Sumiu-se a natureza, é tudo inferno!
La mil trovoens rebentam!

Relampagos fuzilam!
E coriscos flammejam!
E raios se incendeiam!
E tudo se enfumaça!
Em densos, negros rollos embrulhada
Ululando la sae a irosa morte!

Como uma orchesta de trovoens terriveis
Rouqueja o bronzeo tubo,
Terror, susto e pavor vibrando em raios!....
Como as ondas dos ventos açoutadas,
Como a grimpa dos bosques verdinegra
Varrida pelo sopro da tormenta,
Fileiras e fileiras
Se agitam de bravosos combatentes!....
Qual no seio da escuridão da noite
Ardem coriscos mil, raios scentillam,
Per entre turbilhoens de tetro fumo
Relampejam espadas se cruzando!....

Qual túmida tormenta
Roçando a superficie das campinas
Co'as azas sussurrantes,
Turbilhoens de poeira aos ceos arroja,
Não de outra sorte os rábidos cavallos
Pelas longas planuras golopando
Pulvereas nuvens sobem;
No dorso em fofos vellos 'spuma alveja,
Rouxeam em sangue tinctas crespas caudas,

E patas no trotar faiscam lume;
No freio enxofre tascam,
Em furia se affogueiam,
Da batalha o horror mais os anima!

Ao crebo trovejar do rouco bronze
Varrem o campo chuvas de mitralha;
Ao longe os montes troam!
Horrorisada geme a natureza!
Ermam-se os brutos nas annosas mattas!
De estupendas figuras mal formadas
Pelas sulphureas nuvens
Vasto o plaino dos ares se povoa;
Hieroglyphicos talvez que sejam ellas
Dos crimes dos humanos!

Que conflicto! Que horror! Que atrocidades!....
Como da humanidade as leis se calcam!...
Oh como humanos peitos se encruecem
N'esse baile de sangue e morticinio!
Oh como se ensurdecem
Aos ais de dor, de morte,
Ouvindo a orchesta que murmura a guerra!

Aos claustros dos avermos
Como seguros vão das prezas suas
Frenéticos demonios
A enclaustrar os monstros, que pelejam
Pola injustiça atroz de vis tyrannos!
Satan, o negro chefe,

Gloria do inferno, horror da humanidade,
Ve seu reino avultar, de gosto exulta!

Nos esquadroens a raiva se requinta;
As scenas de pavor se multiplicam,
E em toda a parte a morte alfim triumpha!

Cobre o campo da guerra o horror co'as azas
Negras de rouxas nódoas salpicadas!

— Victoria! — Eis bradam vencedoras hostes,
— Victoria! — Eis soa pelos longos campos!
Contrarios batalhoens attropelados
Ja cheios de terror, dispersos, rotos,
Na amplitude do campo se derramam;
Não de outra sorte nos escuros seios
De tenebrosa noite
Fulgido meteoro
Esparge pelos arès, que allumia,
Claras chispas, que nem momentos duram.

O hymno da victoria
De boca em boca echoa;
Vivas e vivas a milhar se escutam,
E canticos festivos mil se alternam.

Surri-se em mais de um rosto
Da fadiga guerreira comprimido
A ruidosa alegria; — o horror esvae-se,
E peitos cem respiram,

Não ja fumo e pocira e enxofre e sangue,
Mas inda o dor de guerra!
Ao lado dos cadav'res se estiriçam,
Prostrados de fadiga,
Guerreiros que na pugna se esforçaram,
E as forças exhauriram:
Dormem da vida o somno, juncto d'esses
Cujos olhos a morte abotoara.

Compadecida a taciturna noite
Sobre o campo de sangue e de ruinas
Placidamente estende os veos funéreos.

E de toda extincta a noite
Eis desponta o sol radioso,
Mas n'esses tam bellos sitios,
—Onde o sabiá plumoso
Seus amores descantando,
Com seu canto sonoroso
Ia os prados animando;
—Onde os limpidos arroyos
Meigamente sussurravam
Per entre agrestes florinhas,
Que amorosos osculavam;
—Onde livres percorriam
Os tapires que avultavam,
E a fresca relva pasciam;
—Onde a meiga primavera
Cheia de vida e fulgores

Bordava os vales, os bosques
Com festoens de lindas flores:
— Onde as brizas respiravam
Gratos, suaves odores,
Que os ares embalsamavam,
Fuma a gora um mar de sangue
E' tudo desolação,
E' uma cópia do inferno,
Qu'ao mais duro coração
Arranca mil ais de horror,
De piedade e de dor.

Ah nunca em paz permaneceis, humanos!
Agrada-vos a guerra,
A filha da ambição, que a face ao globo
De ruïnas alastra!
Quam loucos sois, oh miseros humanos!

A vossa razão
Está na victoria
Que a alma vos incha
De túmida gloria,
E é menos que a vida,
Ja tam transitoria.

E' vossa justiça
O glaudio da guerra,
Que de sangue alaga
A espavorida terra,
E a paz de seu seio
Azinha desterra.

De vossa razão
São os tribunaes
Os campos da guerra,
Onde pleiteaes
Com forças pujantes,
Porem nunca eguaes.

Quam loucos sois, oh miseros humanos!

IX.

O GENIO.

Ao Illm. Sr. M. de Araüjo Porto Alegre.

La deuda . . . . . .
Que se debe a tu fama y a tu gloria,
Que es deuda general, no sollo mia
Mas de qualquer ingenio peregrino
Que celebra lo digno de memoria.
GARCILASO.

Quem poderá negar tributo ao genio
Sem que dentro no peito
Gelado traga o coração de inveja?
Sem que tenha por maxima absurda
Toda a veneração que lhe é prescripta?
E justiceiro e probo
Quem, Araüjo, so ao ver-te e ouvir-te
Não dirá: «— Eis aqui o homem de genio,
Tributemos-lhe mérita homenagem! —»

Quem levado do sancto enthusiasmo,
E todo amor da patria
O coração, qual chamma borbulhando,

Replecta de ficçõens a acceza mente,
Se ufanando co' a patria em possuir-te,
Não soltará do peito a voz canora
Para louvar-te, oh genio!

Ja na cadente cythara brasilia
Do immortal Magalhaens, do bardo eximio,
Teu nome engrandecido
Pelo universo echoa;
Debil aguia, que o ninho desampara
Ainda implume e ávidas de plumas,
Segue arrojada os voos transcendentes
De quem o ser houvera:
—Honra, gloria, louvor se dê ao genio,
—Honra, gloria, louvor eu te dedico!

Ora impunhando a lyra
Te vejo desferir suberbos voos,
Pelos magos saloens da phantasia!
Ora o pincel tomando
A par te elevas de estremados mestres,
Sem temor de arrostar da inveja as iras!
E sempre, sempre es grande!
Sempre altivo e sublime!

Assim de Buonarotti
O genio se levanta aos ceos de gloria,
D' altos prodigios, de primores d' arte
Enchendo o velho boquiaberto mundo;

Assim dos evos torna
Seu nome respeitavel, é com elles
Mais a mais se engrandece e se sublima!

Oh genio, eu te admiro!
Eu folgo de te ver, cheio de pasmo,
Quando caminho vaz da celsa gloria
Altivo assuberbando!

Librado nas velozes pandas azas
Da terra se alevanta
O condor, domador das tempestades,
E o gremio do trovão transpondo hardido
Vae encarar os astros!

Assim deixando a terra,
Satyricos murmurios desdenhando,
Sobes a ceos de gloria,
E vaz do Omnipotente
Haver inspiraçoens sacras, divinas;
Ás obras do Senhor daz novo esmalte!
Exaltas, engrandeces os primores
De Deus! Não és mortal! Não és! —Ès nume!

Como os dourados astros scintillantes,
Em oblongas ellipses
Arrastando seus mantos luminosos,
De seculos em seculos
Magestosos se antolham
Á terra, que ignorante prevê n'elles

Presagos de ruinas,
Assim de evo em evo
Desce o genio ás naçõens, que com assombro
Veem os prodigios seus, a força sua,
A força do Senhor, que elle reflete
Como reflete a luz do sol a lua.

Como de primavera em primavera
O solo reverdece,
Assim de quando em quando
Na voz da fama soará teu nome.

Eis o espaço — a imagem do infinito!
Eis o espaço, — a única morada
Capaz de em si conter as maravilhas
Do Senhor do universo!
Eis o espaço, — o teu theatro, oh genio!
Assuberba-o domina-o com teus cantos!
Com teus paineis de gloria!

Honra p'ra ti, renome para a patria,
E ufania p'ra nós, — eis o teu premio!

X.

RESPOSTA

ao Sr. J. Norberto de S. S.

Quem deu ao rouxinol canoros hymnos,
Nenias ao sabiá, perfume á rosa,
O mysterio decifra de nossa alma
Quando precoz na lyra um hymno exalça
De insólita harmonia.

E' feliz o mortal em cuja frente
Marcou do ingenho o sello a providencia!
Ja co' o dedo infantil activa as molas
Da machina melodica, que ovante
Prodigios mil engendra.

Homero e Galileu e Dante e Newton
Genios nasceram, não se fazem genios:
Virgilio e Rafael e outras glorias
São mysterios p'ra nós; houve em suas almas
Mais que em nós um sentido.

É jovem o teu corpo, adulta a mente,
Oh athleta infantil, que a lyra d'ouro
Magestoso e preclaro ja manejas,
Como um velho guerreiro o marcio gladio,
O fim é teu principio!

Desdobra, aguia brasilia, as amplas azas,
Devassa a immensidade, mede o espaço,
E aos ouvidos mortaes, aos meus ouvidos
Vem modular dos anjos a harmonia,
Vem o ceo retractar-me!

Oh destro nadador, lança-te ás ondas
Do oceano do mundo; o genio é força!
Co' elle pezam-se os soes, vara-se a terra;
Elle so o pousal da eternidade
Laureado penetra.

Levanta o reposteiro qu' inda encobre
Do divino Brasil tanta magia.....
Alma de artista, borbulhando dulias,
Paira no ether que perfume exhala,
Oh deixa a baixa terra!

O myrhado egoismo em aureas vestes
Seu imporio na patria altivo cria;
Escudam-lhe traidores publicistas,
Que ante as aras do ouro a fronte inclinam,
Da corrupção apostolos!

Com triplicada malha o peito afferram,
Co' o pincel da verdade a traição pintam,
Rolam impunes da mentira o carro
Traficando a virtude. As lupercaes
Nos clubs se inauguram.

Não;—a serpente invisivel que elles nutrem,
De toxico infernal em aureos cyathos,
Um dia sibilando em tredo emboque
Os ha-de atassalhar! Não ha relampago
Que ao raio não preceda.

Desm'ronados p'ra sempre esses collossos,
Essas glorias de infamia, o cinzel posthumo
Gravará: «—Maldição!—» Negro moimento
Narcoticos vapores exhalando
Será seu epithaphio.

Como um vulcão extincto, recordando
As passadas desgraças dos humanos,
Inglórios vivirão esses proscriptos,
Filhos espúrios da moral eterna
De nossa cara patria.

Tarde p'ra nós, porque, talvez, na terra
Não possamos ouvir os sons da lyra,
Que n'um ether mais puro então vibrando
O prestito forão de aureo triumpho
Da sua prosperidade.

Sim, tarde para nós, que deslizamos
Os canticos de amor entre os soluços,
E a celeuma terrivel da avareza,
Que os templos em mercados converteram
E a verdade em dinheiro.

Coragem, meu Norberto! Inda na arena
Do vasto amphitheatro, em que pelejam,
Victoria não bradou essa auriflamma;
No altar asqueroso da impudencia
Não é total o insenço.

Emenda um erro teu: — na taça d'ouro,
Onde e genio divino o néctar liba,
Mediocre licor não mais satures:
Genio é um Buonarotti, um Tasso, um Vinci,
E não mesquinho artista.

De um pródigo louvor nasce a ironia,
Nasce da profusão sempre a miséria;
No Olimpo não frue o deus Rediculo
D'Isis o néctar consagrado a Jove!
Modera os teus transportes.

Reflecte o coração sons de nossa alma,
Essa lyra que Deus, parco entregou-te;
Nem sempre o homem d'armas é guerreiro:
Co' os astros confundir-se-hia o p'rilampo
Si eterna luz tivesse.

M. de Araujo Porto-Alegre.

XI.

A CONFISSÃO.

. . . . . Io t'amo. — Ah dal labbro
M'usci l'empia parola !... Io t'amo, io muojo
D'amor per ti. . . . . .

SILVIO PELLICO.

Saber intentas
Porque estou triste,
Porque meu peito
Gemendo existe;

Si eu revellar-te
O meu pezar,
Tu me não has-de
Accreditar;

Que ainda puro
Teu coração
Palpita isempto
D' ignea paixão.

Tu que és da terra
O ornamento,
Tu és a causa
De meu tormento!.....

Dentro em meu peito
Tenho uma dor.....
Dentro em meu peito
Existe amor!....

XII.

A FORTUNA.

Siempre tranquilo, moderado siempre
Com igual frente me verás, o cruda!
Sin que provoque tu rigor, ni á viles
Lloros acuda.
MELENDEZ.

Que me importa! Debalde me fazes
Mil promessas de bens lisongeiras!
Tuas vozes infidas, arteiras,
Inganar-me jamais poderão!

Oh vae-te, Fortuna,
Assaz te conheço,
Eu não te obedeço,
Tu cansas-te em vão!

Terra e mar muda em aureos thesouros,
E veraz que essa immensa riqueza
Inda é pouca á mundana avareza,
Mas em mim não desperta ambição.

Oh vae-te, Fortuna,
Assaz te conheço,
Eu não te obedeço,
Tu cansas-te em vão!

Si ora esparges, surrindo venturas,
Bens precarios, infidos carinhos,
Logo os tornas em males damninhos,
Que co'a morte so teem extinção.

Oh vae-te, Fortuna,
Assaz te conheço,
Eu não te obedeço,
Tu cansas-te em vão!

Sobre o pego o baxel mareando,
O chatim cubiçoso se ufana.....
Eis o prosta tormenta tyranna....
Ruge o vento..... ronqueja o trovão....,

Oh vae-te, Fortuna,
Assaz te conheço,
Eu não te obdeço,
Tu cansas-te em vão!

Dorme o rico, de ti satisfeito,
Em seu cátre suberbo, dourado.....
Amanhan..... infeliz..... desgraçado.....
Geme em horrida, escura prizão.....

Oh vae-te, Fortuna,
Assaz te conheço,
Eu não te obedeço,
Tu cansas-te em vão!

Queres qu' eu, vil ludibrio dos mares,
Minha patria querida deixando,
E, esta vida de um lenho fiando,
Te accompanhe com torpe intenção?

Oh vae-te, Fortuna,
Assaz te conheço,
Eu não te obedeço,
Tu cansas-te em vão!

Queres qu'eu, embuçado no manto
Do redic'lo, do vicio e do crime,
Aos preceitos da honra me exime,
E me entregue de todo a ambição?

Oh vae-te, Fortuna,
Assaz te conheço,
Eu não te obedeço,
Tu cansas-te em vão!

Porque mimos agora me offertas?
Porque queres assim fascinar-me?
Tu não podes constante outorgar-me
Gratos bens de eternal duração.

Oh vae-te, Fortuna,
Assaz te conheço,
Eu não te obedeço.
Tu cansas-te em vão!

XIII.

A' IRILIA.

. . . . Il tuo disprezzo intendo!
Metastasio.

Nada valem meus queixumes,
Choro, e ella me não crê!
Silva Alvarenga.

Irilia formosa,
Cuidado d'esta alma,
A negra incerteza
Do peito me acalma.

Decide, anjo meu,
Ja de minha sorte;
Ou manda-me a vida,
Ou manda-me a morte.

Um *sim* de teus labios
Vigor me dará,
Um *não*..... ah, na campa
Me despenhará!

Univers. de S. Paulo BIBLIOTHECA Faculd. de Philos. Sciencias e Lettras

Mas tu decidires
Com um *sim* ou um *não ?!*
Oh ceos, que não pode
O teu coração ! . . . . .

Tu queres, tyranna,
De mil amadores,
Que culto te rendem,
De bella louvores.

E não ves, ingrata,
Qu'é nulla a belleza
No peito, que tem
De rocha a dureza !

Amar-te é o mesmo
Que estatuas amar,
Nas quaes o esculptor
Se soube esmerar.

Estatua te mostras.
Estatua seraz,
Por tal no universo
Renome teraz,

A quem perguntar-me
Quem é que me inspira
Mil versos cadentes,
Que canto na lyra.

Direi: « — Uma estatua,
Que Irilia se chama,
Que não sente o fogo
Que tanto me inflamma. — »

XIV.

O POETA DESGRAÇADO.

O favor, com que mais se accende o ingenho,
Não o dá a patria não, que está mettida
No gosto da cubiça e na rudeza
D'uma austera apagada e vil tristeza.

CAMOENS.

Cantor da gloria alticadente, egregio,
Fugazes voam de ventura as horas
Porêm o nome do inditoso vate
Séculos dura.

Nem sempre o manto da estação risonha
O prado borda de olorosas flores;
Eis lhe succede pavoroso e feio
Frigido hinverno.

Após momentos de prazer suave,
Que quaes relampos pressurosos passam,
De atros pezares enfadonhos temos
Prólixos annos.

Aos sons da lyra só gemer te é dado?
Oh mais não cantas da formosa Lylia
Essas, que os anjos lhe doar souberam,
Mágicas graças?

Mais não empunhas o pincel mimoso?
Mais não copias os amenos sitios,
Onde levadas de ventura as horas
Rápidas foram?

Na negra taça do ferrenho fado
O fel amargo da existencia provas;
Continuamente de teus baços olhos
Lagrymas soltas!

Como te olvidas, oh iniqua patria,
De quem cantara a liberdade tua
Aos sons da lyra, que tremer fizera
Réprobos monstros!.....

Dos tristes vates quanto é dura a sorte!
Da ingrata Smyrna deslembrado Homero,
No manto involto da penuria austera,
Misero esmola!

Camoens sublime, de Ulysse-a o cysne,
Que ao luso idioma monumento eterno
Ergueu, a patria té lhe nega, — ingrata! —
Tácita campa!

Tasso divino das cadeias livre,
Que astuto o enredo lhe lançar consegue,
Vae..... mas lhe rouba a eternal coroa
Rábida a morte!

A França altiva, — a esclarecida França! —
Succumbir deixa Malfilatre á fome!
Gilbert contempla da indigencia infansta
Victima triste!

O fido amante da gentil Marilia
Ai mesto vaga nos adustos campos!
Entre asp'ros ferros desditoso Claudio
Tétrico espira!

Sobre a fogueira chammejante, horrenda
A morte affronta o desgraçado Silva! (1)
La vae Saldanha (2) da querida Olinda
Morrer distante!

Da excelsa gloria como é árduo o trilho!
Cumpre constancia e intrepidez ao vate!
Alma de Zeno, de Colombo a alma
Tudo supera!

Mais pois não chores a mesquinha sorte;
Ao cepo attado da cruel desgraça
Grande é somente o que a desgraça soffre
Inclyto sempre.

(1) Antonio José. (2) José da Natividade Saldanha.

Perenne, oh Jonio, ficará teu nome,
Qu' ao templo levas da immortal memoria,
Embora o ameace do suberbo tempo
Hórrido o aspecto!

XV.

Á ALEGRIA.

Vem, vem..... unico allivio
D'esta alma lastimada!
FRANCISCO MANUEL.

Amena alegria,
Incanto da terra,
Ah vem, me desterra
Do peito o pezar!
Gratissimo bálsamo
De consolação,
Em meu coração
Ah vem derramar!

Meus olhos sem brilho,
Ah nem sempre aguas,
Expressão de maguas,
Devem de verter;
Mas ardentes prantos,
Prantos de doçura,
Que espreme a ventura,
Vem, vem me espremer.

Teu néctar suave,
Que ameiga, que affaga,
Que doce embriaga,
Eu quero libar;
A taça me empresta
Si quer uma hora;
A vida oppressora
Deixa-me adoçar.

Vem, baixa do ceo,
Fagueira alegria,
Nume que extasia
O meu coração;
Não queiras cruenta
Que eu soffra e suspire,
Que ardente te aspire
Porem sempre em vão!

XVI.

A MINHA INFANCIA.

Oh minha infancia! Oh estação de flores!
De innocente illusão mansão suave!
Inda hoje te apresentas
Ante mim como a imagem fugitiva
D'um sonho que incantou-me a phantasia,
Ou como a aurora de um formoso dia!

MAGALHAENS.

— Primavera da vida e incanto d'ella
— Quadra de risos, — estação de flores, —
— Edade de innocencia e de folguedos; —
— Somno sem turbação, — socego d'alma, —
— Meu prazer, percursor de azedas maguas, —
Oh minha tenra infancia, eu te saúdo!

Graças ao ceo, fruite venturosa,
Máu grado meu, veloce me correste
Para mais não voltar! Assim fenece
Aurora ao despontar de fausto dia!
Morrem bafejos seus, surrisos morrem
Que as flores alentavam,
E placidas pendiam,
Olacteo calix de fragante lyrio;
Fragante lyrio assim tambem fenece!

— Berço, aonde gozei fagueiro somno,
— Rede, em que me embalava prazenteiro,
— Batel, em que sosinho me entregava
Do ribeirão á rapida corrente,
— Bosque, aonde gostava de perder-me,
— Zimborios de verdura, altas mangueiras,
Que do queimor do sol me resguardaveis,
— Choupana, aonde nasci, dé toscas palhas,
— Companheiro fiel, que me siguias
Per valles, montes, que vingava a custo,
— Oh mimosos objectos de minh'alma,
Inda que o queira deslembrar-vos posso?

No gremio do prazer a dor se esquece,
Mas no gremio da dor? — Ah tu, saudade,
Tu que presides as lembranças doces
Dos ledos tempos, em fugir veloces,
Tu, saudade cruenta, tu que o digas!

Na campa do passado hoje repousas,
Linda flor da manhan, que á tarde murchas,
Verdor da vida minha, minha infancia,
E eu vivo sem ti, que a puberdade
Me impelle a nova e mui difficil rota,
Que ou — á gloria vae ter, — ou ter ao olvido! —

Foi vida de ventura minha vida,
Quando logrei-te, infancia,
Mas agora? P'ra sempre me deixaste,

E por ti inda me palpita ancioso
No peito o coração, de dor pulsado;
Inda a saudade aponta os brandos dias,
Com que tu carinhosa me brindaste!

Eu pois te cantarei, oh minha edade!
Ir-me-hei ao sitio aonde me inspiravas
Ruidosos jogos, infantis recreios
Pedir-lhe inspiraçoens ternas, sensiveis,
Do passado as ideias remoçando.

Quando dos mortos o astro merencorio,
Rodeado de funebres estrellas,
Pela celeste abobada gyrando
Sobre as campas lançar seus veos funereos,
Irei chorando visitar a campa
De minha boa mãe, que ahi jaz, que ahi dorme;
Então tristes saudades,
Gratos prazeres d'alma,
Me virão acordar doces lembranças
De meus extinctos annos,
E lagrymas amargas de meus olhos
Em fio regarão a fria lousa
Do tácito sepulchro.

XVII.

E EU TE AMO!

Si pois amor ordemna
Que adore essa belleza,
Será minha firmeza
Eternamente adorar.
ANTONIO JOSÉ.

—Tu me dizes, linda virgem,
Que me não pódes amar,
Que livre não é teu peito
Para amor me tributar.

—Tu me dizes; e eu te amo
E é teu meu coração,
Altar, aonde minh'alma
Te dedica adoração!

—Tu me dizes; e esses olhos
Tam puros e angelicaes,
De que sou por ti amado
Estão-me dando signaes!

Os labios, oh bella Irilia,
Fallam as vezes em vão,
Mas os olhos nunca mentem,
Que de amor os orgams são.

Teus olhos são quaes dois soes,
Teus labios igneos rubins,
Tuas faces duas rosas
Rodeadas de jasmins.

Tua voz toda harmonia,
Teu fallar todo innocencia,
Teu surrir todo candura,
Teu olhar todo clemencia.

Tu és toda um puro anjo
De lindez e perfeição,
A quem devo tudo dar,
Alma e vida e coração!

E tu me dizes, Irilia,
Que me não pódes amar,
Que cesse de te querer,
Que deixe de te adorar!

Anjo do ceo, que baixaste
Á terra p'ra allivio meu;
Bem de estima, que jamais
O ceo á terra cedeu!

Eu deixarei de te amar.....
Eu deixarei de te ver.....
Um dia!.... Apos um momento.....
No instante em que morrer!....

XVIII.

A INCONSTANCIA

de um amigo da infancia.

Com que prazer innumeros amigos
Na infancia contractamos,
E quam facil os perdemos!
MAGALHAENS.

Póde o tempo turrifrago suberbo
Marmoreos edificios, bronzeos muros
Prostrar qual igneo raio.

Póde humanas paixoens modificando
Tornar a angelical, pura belleza
Chymera a nossos olhos.

E o que na mocidade mais prezamos,
Na velhice, cercada de experiencias,
Cercada de trabalhos,

E de horrendas ideias merencorias,
Que a morte em feio quadro representam,
Despresivel tornal-o.

E poderá tambem, quem tanto póde,
Dous amigos fieis, ternos, sinceros,
Um de outro alongando,

Illiminar seus nomes da memoria,
Gratas reminicencias extinguindo
Dos já passados dias?

Inda te choro a ausencia, caro amigo,
Contraïdo na quadra dos singellos
Innocentes prazeres.

Inda tristes suspiros, triste exhala,
Pungido pela dor de agra saudade,
O coração no peito.

E tu de mim, oh vate dos amores,
Oh eximio cantor das picturescas,
Nycteroyanas plagas,

Ja te esqueceste; já não mais te lembras;
— Vês! — O tempo voraz e carrancudo
Em uns potente impera!

Mas não em todos os amigos peitos;
— A barreira, que encontra, é a constancia
Nos que vencer não póde.

Sancta flamma da candida amisade,
Que as almas dominaste em priscas eras
Dos Orestes, dos Pylades.

Dos constantes Damons, dos fidos Pythias
De Pollux e Castor, que mereceram
No ethéreo campo assento.

Dos Achilles, quaes raios de vingança
Fataes de Troya á gente; dos Patrocolos
Dos Nizos, dos Euryalos;

Maior valia tens do que os thesouros
Da presumida Sybares faustosa,
E opulenta Corintho.

Tu és emanação da divindade,
E eterna aos homens estreitar devias,
Si a justiça os guiasse.

Ah rutila de novo, sacra flamma,
Qual rutilaste em venturosos dias,
Do amigo meu no peito.

E o frio peito inflamma e aquece e obriga
A suspirar saudoso por quem vive
A suspirar por elle!

XIX.

LAGRYMAS E FLORES

SOBRE A SEPULTURA DE MINHA MÃE,

Emerenciana Joaquina da Natividade Silva.

Não mais me ouves! — No túmulo descansas
Entre os negros setins da negra morte,
Ensombrada por fúnebres cyprestes;
Somno de morte te prostrou nas sombras
De triste, horrenda noite;
Dorme, repousa pois, meu doce affecto,
Coração, que por mim inda palpitas
No álveo do sepulchro!
Bella, como na vida te mostravas,
Despertaraz um dia
Ao som dos hymnos divinaes dos anjos,
Como a natura aos magicos accentos
Das aves innocentes;
Dorme, repousa pois, meu doce affecto,
Coração, que por mim inda palpitas
No álveo do sepulchro!

Eu te amava e me roubou-te a morte,
E o túmulo encerrou-te para sempre;
Veo de amargosas lagrymas
Si quer deixou-me ver-te
A derradeira vez no dia extremo;
Nem ais de dor, soluços de saudade
Responder-te aos adeuses
Que nas vascas da morte me dizias,
Coração, que por mim inda palpitas
No álveo do sepulchro!

Oh si é certo que os mortos se alevantam
Dos lúgubres seus tum'los, — alta noite, —
Quando tudo parece adormecido
Nos braços do silencio,
E tétrico pallor a lua espalha,
Oh sae do somno teu! — Ah vem, recebe
De minh'alma a oblação sagrada e pura,
Coração, que por mim inda palpitas
No álveo do sepulchro!

Mas não; não venhas; dorme no teu leito;
Horror me causará teu feio espectro,
A mim, que contemplava-te formosa,
E bella como um anjo,
Quando toda candor, toda ledice,
Surrindo amores, terna me adoçavas
Os labios com mil ósculos ardentes;
Dorme, repousa pois, meu doce affecto,

Univers. de S. Paulo BIBLIOTHECA

Coração, que por mim inda palpitas
No álveo do sepulchro!

Eil-a, d'entre as myrrhadas seccas flores
Das coroas, que te offertado tenho,
Nova offrenda da cândida minh' alma,
Nova c'roa de rúbidos suspiros,
E fúnebres saudades,
Orvalhada do pranto, que dos olhos
Em fio se desprende,
Coração, que por mim suavemente
Palpitaste de amor, e inda palpitas
No álveo do sepulchro!

XX.

A MEU AMIGO

A. Claudio Soydo Junior.

. . . . . Doux charme des humains
O divine amitié, viens pénétrer nos ames!
Les cœurs éclairés de tes flammes
Avec des plaisirs purs, n'ont que des jours sereins.
G. Bernard.

Não é, illustre Claudio, caro amigo,
Americano vate,
O sancto amor da patria que me inspira
Ora cadentes versos,
Não o amor da gloria chammejante
Que me aquece e me inflamma
O, isempto de remorsos, débil peito,
Não marciaes portentos
Dos Dias, Camarons, Vidaes, Rabellos,
De Olinda deffensores:
Á amisade, que o peito me guarnece,
Somente encomeos teço,
N'este dia, p'ra mim tristonho dia,
Tam pleno de amargores!

Oh talvez, meu amigo, agora folgues
Nos braços dos prazeres,
—Quiçá ferindo as sonorosas chordas
Á doce, amada lyra,
Cantes as graças da gentil Marfiza,
Cantes aquelles olhos
Divinos, que de amor tam meigos fallam.....
Os cabellos seus negros,
Que em crespas tranças pelos hombros descem-lhe,
As rubicundas faces,
Em que brincam surrisos cento a cento,
Os labios milindrosos,
Que teem a cor dos doçorosos favos
Do pomo da romeira;
—Quiçá meditabundo sobre a orla
Do Nigtheroy ovante
Leves teus olhos pela superficie
Das azuladas aguas,
Qualhadas de bateis, de naus possantes,
Ou contemples as ondas
Com trépido murmurio mal bordando
De alviruivas conchinhas
A curva e branca e solitaria praia;
E eu? — Tragado jazo
De pezares e dores incessantes,
Co'as vagas misturando
Gemidos, que do íntimo do peito
A todo o instante arranco.

Qual infeliz monarcha desthronado,
E dos seus esquecido,
Dias lamenta de ventura e gloria,
Que plácido gozara,
Assim eu arredado dos amigos
Amargoroso chóro
Momentos que inda ha pouco desfructava
Nos braços da amisade.

Amavel coração, alma d' est' alma,
Queridissimo amigo,
Consolação extrema cia me envia!
Manda-me oh divo vate,
Teus cantos, que prazer embebem n' alma,
Que a natureza pintam
Quaes do insigne Debret, Lorrain sublime
Os pinceis delicados;
Lendo teus aureos versos, negras mágoas,
Luctuosas imagens,
Qu' ante os olhos me rolam cada instante,
Serão esvaecidas,
Quaes condensadas nuvens de vapores
Ás vibraçons das brizas;
Então surrisos mil, com ledos gestos,
Me pousarão nas faces;
E enchentes de prazer e de alegria
Me innundarão o peito.

XXI.

A MEU AMIGO

J. Norberto de S. S.

Le monde entier déteste une parjure amante.
A. Chenier

Estremado cantor, discip'lo eximio
Do grande Magalhaens, do bardo ovante
Que adorna do Janeiro as ferteis margens,
E por quem o Janeiro inda ha de um dia,
Mais do que corre altivo o Amasonas,
As ondas embater do vasto oceano
Com violencia tal, com tal impulso
Que supporão, em vez de feudo antigo,
Invadir novo mar do mar o seio;
Estremado cantor, Norberto insigne,
Que os uivos infernaes de infernaes zoilos
Ufano despresando, alçando o voo
Os séculos transpoens, e o nome eterno
Oppões ao tempo, tragador dos annos,
Teus versos li! Oh vate, si entre amores
Si entre prazeres descantando e rindo
Pensas acaso que a existencia adoço,

Si pensas acertar, illuso existes;
Quam longe da verdade os passos levas!

No agro viver martyrios se me envolvem.....
Ai provo do ciume agro veneno.....
Abatido meu genio e morto o estro
Ja da lyra vibrar não busco as chordas.

Teus versos li e súbito em minh' alma
O prazer e o pezar luctaram ambos;
A este vence aquelle..... Ah torna o riso;
Do lethárgico humor que a entorpecia
A mente se despiu, surgiram graças;
Norberto, os versos teus, tam doces versos,
Vida espraiaram na espirante vida!

Porem do turvo gosto inda luz debil,
Qual o relâmpago illudindo as trevas,
Ligeira do infeliz na vista passa.....
Nome, que ao proferir me ferve o sangue,
O punho teu traçou..... Traçou — Marfiza.....
Duplicaste o vulcão que me afogueia!

Esse de perfeição thesouro avaro,
Que fez p'ra maltratar-me a natureza,
Cujas tranças gentis ao sol roubaram
Radioso esplendor, falsou-me os gostos;
Foi-me cruel, detesta-me, e si busco
De novo o amor ganhar com novos brincos

Abrasa-se em furor, — e de mim foge!....
Na face angelical em que pousadas
As graças vi do ceo, surrindo meigas,
No seio virginal, onde negrejam
Da ingratidão agora os atros bafos,
No seio virginal, onde palpitam
De neve globos dous que o fogo ateiam
Nos peitos dos mortaes, nos debeis peitos,
Cevei o coração, curti desejos!

Quantas vezes la n' esses aureos dias
Em que foi para mim propicia a sorte,
Contemplando-a, enlevado na belleza
Endeusado lhe roubava um beijo!
Na face angelical então se viam
Per entre a neve se surrindo rosas,
Os labios seus então, seus rubros labios
Brando e fagueiro lhes roçava um riso.....
Então arrebatado, então bradava:
«—Eu te adoro, Marfiza, eu te idolatro!—»
E ella com meiga voz dizia: «—Eu te amo!—»

E de pressa essa ingrata, essa alma fera,
—Parto de furias, — divindade, monstro,—
—Horror da natureza — e — gloria sua,—
Esqueceu-se de mim! Ai choro, ai morro!

Tu lembrança fatal, que me exasperas,
Que me trazes ao peito a ancia, o fogo,
Por que a morte tambem, tambem não trazes?

Porem furias a vós, a vós entrego
D'essa alma infida a rigida vingança.

Norberto, os versos teus me deram vida,
Os versos teus tambem me deram morte.
Tu que d'esta paixão a causa sabes,
Viste milhar de estremos, viste o premio,
Vê si de amor ao minimo contacto
Não se deve fugir? Nascente origem
É dos delirios, ais; é chama eterna
Que sem nos consumir nos rala e come;
É veneno que em nectar disfarçado
No peito se derrama, é morte, é tudo!

Ah fuja-se de amor, viva-se isempto,
E ferro o coração, e bronze o peito
Aos embates horrificos se mostrem;
Fuja a illusão tambem da formosura,
Que o ceo nos olhos traz e traz a morte,
Sombra que illude o resplendor á gloria,
E da verdade a luz formosa illude.

Feliz me julgo sim; feliz me acclamo
E julgo-te feliz, por que existimos
Não corrumpidos do lethal contagio.

De novo o estro meu se aquece e inflamma,
Eia vate sublime extingue as maguas,
Os seculos transpõe, transcende os astros!

A. Claudio Soydo Junior.

XXII.

QUE FAREI POR TE ABRANDAR.

Porem ja vejo,
Que em meu dilirio
Para o martyrio
So vivo estou!
ANTONIO JOSÉ.

Si a vida é suave,
Si é um puro gosto,
E não um desgosto
Ao ente feliz,
É duro tormento,
É fardo pezado
A quem o seu fado
Pranteia infeliz.

Si a morte negreja,
Si ao longe apparece,
Aquelle estremece
Passado de horror;
Mas este ja baldo
De seu soffrimento,
Appressa o momento
Da ultima dor.

Assim, minha Irilia,
Outros mil doçuras,
Outros mil venturas
Encontram no amor;
E eu?—Ah eu libo
Seu fel amargoso,
E desventuroso
Provo teu rigor!

Si a sorte ao inditoso
Meiga se abrandasse,
E grato gozasse
Da vida o prazer,
Por certo que amando
A vida ficara,
Que se horrorisara
De ter de morrer.

Assim se tu, bella,
Não fosses tam dira,
Mui doce sentira
Teu jugo cruel;
Na taça dourada
De grata existencia,
Por tua clemencia,
Sorveria mel.

Então, ah diria:
«—Ja sou venturoso,

Pois do fado iroso
Victoria alcancei!
De Irilia formosa,
Os duros rigores
Em gratos favores
Oh ceos, transformei! —»

Mas ai, o que faço?
O que é que pretendo?
Ah estou perdendo
Tódo o tempo meu!
Infausta desgraça!
De bronze formado
Pela mão do fado
Foi o peito teu!

XXIII.

Á MINHA AVO MATERNA,

D. Gertrudes Ignacia Pereira Dutra.

Hélas! Elle est seule!.... Seule sur la terre!
CHATEAUBRIAND.

Oh mãe de minha mãe, singella e terna
Lança-me tua abençam,
E deixa-me beijar-te as maons rugosas;
Da-me prazer tammanho!

Mas tu choras e lagrimas ardentes
Tambem dos olhos meus ja se desprendem;
Nunca me vez sinão co'olhos chorosos,
Nunca me dizes: «—Filho, Deus te guie,
E do mal te deffenda, —»
Sem que a phrase soluços te intercortem,
Nem eu posso jamais a mão beijar-te
Sem que a humedeça de saudoso pranto!

So nossas almas sabem
De tam sentida commoção a causa;
So nossas almas que na dor involtas

Momentos de prazer não mais alcançam!
O tempo, que enrugou-te as faces bellas,
E dos olhos o brilho te ofuscara,
E tremula tornou-te a voz sonora,
E de cans te alvejou a airosa frente,
De tudo despojou-te!

Nas palhas da indigencia
E no gremio da dor ora suspiras,
Confrangida per males incessantes,
Per lembranças crueis, equleos d'alma!

O que pensas, comtigo o que é que fallas
Quando abysmada estaz toda em silencio,
Fitos nos ceos os olhos, e cruzados
Os braços sobre o peito? —
O que pensas, comtigo o que é que fallas?

Passam-se as horas e ainda assim te vejo,
Té que dos olhos desce-te uma lagryma,
E um suspiro te morre a flor dos labios; —
Por quem choras, por quem são teus suspiros?

Perante o crucificio, que pendente
Do esbroado pilar hi pallideja
Ao funebre clarão de benta vela,
Prostrada em devoção per largo espaço
Extatica te mostras,
Murmurando oraçoens, mysticos cantos; —
Por quem rogas, por quem são tuas preces?

Enfileiradas umas sobre as outras
As moradas branquejam dos que jazem;
Ante ellas passando tu te curvas,
E um gemido do peito innoxio arrancas;—
Por quem gemes, por quem saudades sentes?

É tua vida um cúmulo de males,
E contas per angustias os teus dias;
Orfan—na infancia tua mendigaste
—Um pão, que te acalmasse a fome ardente,
—Um gota, que a sede te apagasse,
—Um manto, que a nudez te subtraisse,
—Um leito, em que teus membros repousasse
Das diarias fadigas;
Esposa—de onze filhos te cingiste,
—Plantas que ao lavrador deram cuidados,
E a custo vegetaram,
Mas qu'ao ardor do sol, do vento ao sopro,
Desmaiadas nos agros estenderam-se.....
Marido e filhos te roubou o fado,
E, p'ra mais requintar as máguas tuas,
O tens visto arrojar a fria campa
Os filhos estimaveis de teus filhos,
E os recemnados, cândidos bisnetos!
Viuva—na indigencia hoje vegetas,
Como em árido campo tenue arbusto!

Oh si eu podesse a sorte transformar-te
Em sorte menos dura,

Quam feliz n'esse dia me julgara?
Mas si não durmo sobre humilde catre,
Vigiado de atroz mendicidade,
Arrasto uma existencia assaz precaria,
Sem util ser a mim, aos meus e á patria.

Mas como tu, oh alma de minh'alma,
Na dor eu me resigno,
Pois jovem sou, e filha da esperança
Foi sempre a juventude;
Não desespero não; talvez que em breve
Da ventura nos braços,
Te liberte das garras da penuria.

Lança-me tua abençam,
E deixa-me beijar-te as maons rugosas,
Da-me prazer tammanho;
E em tuas oraçoens de mim te lembra.

XXIV.

CONSELHO AMOROSO.

Os labios mentem,
Os olhos não.
BOCAGE.

A mais ingrata das ingratas todas,
D'entre as ingratas bellas a mais bella,
Irilia desdenhosa,
Dize, responde, a sábia natureza
Que em formar-te esmerou-se,
Que em ti do ceo as graças resumira,
E os encantos da terra,
Acaso deu-te um coração de ferro,
Ou os repudios teus serão fingidos?!....
Responde! — Porem não; primeiro attende;
Primeiro ve, Irilia,
Qu'esses teus lindos olhos,
Hieroglyphicos de amor, mentir não sabem!

Quando teus labios,
Bem adorado,
Negam que eu seja

Per ti amado,
Ah dous traidores,
Que negros são,
Os desmentindo
De pressa vão.

São taes traidores
Os olhos teus,
Que a todo o instante
Fallam aos meus,
Que a todo o instante
Meu peito inflammam
E grato nectar
N'elle derramam.

Quando quizeres,
Oh lindo amor,
Que te accredite
O teu cantor,
Ao confessares
Me não amar
As tenras pálpebras
Deves fechar.

XXV.

UMA TARDE EM NIGTHEROY.

. . . . . Oh combien à ta vue,
Des pensées chers et douloureux
Se pressent dans mon âme émue.
MOLLEVAUT.

Alta ja vae a tarde. — No occidente
Descamba mais e mais o sol radioso,
De rubro e ouro as nuvens colorindo;
E favonios brincoens com doces sopros
Veem a exhalar aromas, sussurrando,
Como que entoam o canto do crepusculo.

Alta ja vae a tarde. — Arrulha a pomba
Juncta ao consorte, que amorosa affaga;
Saudoso o sabiá nos ares solta
Gratas modulaçoens, ternas endeixas;
Rolam as ondas pelas brancas praias,
Em alvas flores murmuras quebrando-se.

Alta ja vae a tarde. — Que hora amavel!
Eu te saúdo, cheio de alegria!
Sejas bem vinda ao afadigado escravo

Que te contempla com sereno rosto!
Eu te saúdo, que incender me sinto
De novo enthusiasmo, nova vida!

Oh paraiso, oh alma da existencia,
Nigtheroy, Nigtheroy, materno berço,
Que commoçaõ me causas! A tua vista
No peito o coraçaõ se me dilata,
E turbilhoens de ideias e lembranças
Caras da cara infancia me assalteiam!
Recordaçoens, ah vinde, apresentae-vos,
A minh'alma, e esses dias retractae-me
Em que n'estas serenas, bellas plagas
Vivi feliz de amigos rodeado,
Entretido da infancia nos folguedos;
Vinde, recordaçoens, meigas saudades,
Ao vate amigo consolar uma hora!

Linda irman, caro irmão, vamos, deixemos
Este vale formoso, testimunho
Dos prazeres singellos que fruimos
Da vida na estação innoxia e pura,
E este subamos picturesco monte.

Que scena para os olhos! — Como alegres
Estes vales não saõ, estas montanhas,
E os longes serros que nos ceos se perdem,
E se dilatam per estensos plainos!
Que vasto mar, assetinado e quedo,

Sereno reflectindo a cor mimosa
Do ceo azul e rubido horisonte!
Ja la vaidoso o sol entre mil nuvens
De jasmins e de rosas matizadas,
Se esconde; aqui resurge a muda noite,
O occidente toldando de atras nevoas;
Brincoens fovonios placidos adejam,
As grimpas das florestas encrespando;
Ondula a flor no vale, a flor mimosa
Que ao fulgir da manhan desabrochara
O niveo seio que lhe enrubeceram
Os queimores do sol. Regatos bordam
Com trepido sussurro o verde prado.
Oh poesia, enlevo da existencia,
Aqui te reproduzes, aqui fallas
Eloquente qual és, qual ês donosa!
Oh poesia, enlevo da existencia,
Estes teus quadros são, estes me incantam!

Que scena para os olhos! — Que belleza
Em torno a nós a natureza ostenta!
Como o dedo do Eterno se revela
Em tudo quanto existe! Como é grande,
Incomprehensivel, magestoso, eterno
O poder de seu braço! A um acceno
Surgiu do nada um universo immenso!
Mas um atomo so bastante fora
Para nos revelar sua existencia!
E o homem nasce, e em pranto involto vive,

E em pranto involto á sepultura desce,
Sem as scenas gozar da natureza!

Da civilisação ao sancto acceno
Ruem per terra, oh Nigtheroy, teus bosques,
E se elevam custosos edificios,
E templos ao Senhor. Estas planices
Mattas ja foram, feras abrigaram,
Conquistou-as de pos selvagens tribus,
Que á espada do Europeu despareceram!

Nigtheroy, Nigtheroy, insonte ainda,
Ermo de culpa, de paixoens isempto,
Descorri tuas plagas, varei bosques,
Vinguei difficeis montes! La verdejam
Os mangueiraes n'aquelle fundo vale,
D'em torno o ambiente rescendendo
De gratos, suavissimos odores!
Tardes que ahi passei inda pranteio,
Inda suspiro cheio de saudades:
Lá está o monte que galgáva a custo
Ao alvorar a manhan, a ver no oriente
O levantar do sol bello e pomposo,
Dourando o cume dos subidos serros.

Não vos lembraes, irmaons? Ah esses foram
Dias felizes, — ja la vão, — passaram,
Quaes relampos de noite tormentosa;
Morreram para sempre, — ai tudo morre!

— A linda, a virgem flor, que desabrocha,
Exhalando odoriferos effluvios;
— O arbusto, que de um a outro outomno
Os ramos curva ao pezo do seus pomos;
— A avesinha, que, o ninho abandonando,
Modula alegre harmonisando as selvas;
— O insecto, que adeja sussurrando;
— A chamma, que crepita e lavra intensa,
Fenecem, murcham, enlanguecem, morrem!
E o tempo tambem se esvae veloce!
É tudo um sonho a quem da sepultura!
De pompas vans, de transitorias glorias
E meigas illusoens se veste a vida;
So não é illusão, nem sonho a morte,
Nem se reveste de fallaces trajos!

Vamos; sigamos. — Ja fenece o lyrio
Com a ausencia do sol; desmaia a rosa,
E em breve cairão no fundo vale;
Sopro de briza os levará..... Aonde?
— Aonde tudo vae, — do nada á campa!
Vamos; vamos. — Per esse caminhemos
Abaulado de monte. Como é bello
Este cajueiral? Como de rubro,
Verde e amarello todo se réveste!
Que tam suaves balsamos espira!
Tremem aos passos nossos, e se quebram
Em pó essas myrrhadas, seccas folhas;
Vigor lhes deu a terra, e ellas a terra

Vigor retribuirão! Ai de nós outros,
Vegetaes, que no mundo florecemos,
E d'elle hemos vigor e alimento!
Da escura, inevitavel morte o sopro
Nos prostrará e em breve nossas cinzas
Alimento serão de novos seres!
Tudo o que nasce, nasce para a morte,
Tudo o que morre, morre para a vida!
Irrevogavel lei impoz ao mundo
Essa reproducção..... Vamos; marchemos

La está o sacro e venerando templo
Da immaculada Virgem, cuja imagem
A taes praias trouxeram curvas ondas;
Alli..... sim!.... O coração e a alma!
Alli..... sim!.... Nosso espirito subimos
A Deus, a Deus orando pola patria,
Polos nossos irmaons e paes prezados;
Sob suas abobadas sagradas
De Montalverne as vozes reboaram;
Eu as ouvi! — Meu peito brasileiro
Em rapto de prazer se engrandecera,
Que amor de liberdade, amor da patria
Suas vozes no peito me enclaustraram.
Eu as ouvi! — No pulpito elevado,
Torrentes de eloquencia desprendendo,
Silencio e pasmo a multidão impondo,
As da Virgem exaltou sacras virtudes!
Aquellas portas, que somente se abrem

Para os finados, e per elles fallam,
Sempieterna verdade apregoando
A geração presente, aquellas portas
Rangeram sobre carcomidos gonzos
Ao som terrivel de sagrados psalmos,
E ao funebre tanger do aereo bronze,
Quando se abriram ao lugubre cortejo
Que a nossa mãe..... eterno poiso dera
N'ultimo leito d'homem, e ahi jazeram
Cinzas suas— não mais, — que alem descansam.

Alli seu tumulo jaz, aqui seu berço!
Oh ainda entre erguidos edificios
Tens incantos p'ra nós, tens atractivos,
Habitação tranquilla da innocencia,
Bronca choupana de tecidos ramos!
Porem o ribeirão, a cujas ondas
Em fragil, leve lenho me entregava?
O tempo o consumiu, não mais existe;
Seccam-se rios, se subterram montes,
Ilhas se afundam, villas desparecem,
E gerações se extinguem;—tudo morre!

Vamos, vamos.—A noite se aproxima;
Não mais refulge o sol, alem descamba,
E inda são rubras do oppoente as nuvens,
Pois bem asinha tudo será trevas;
Assim dura dos homens a lembrança
Alem da morte; mas o tempo passa,

E com elle a lembrança esvae-se, acaba:
O homem nascer, morrer — e morrer todo.....
Mundana pompa, blazonada gloria,
Como cores de nuvens, se esvaecem,
E só de Deus a gloria eterna vive!

Oh como prosperando a frente eleva
A tosca aldeia do Indiano ousado!
E nem si quer o nome, por memoria,
Tem de seu fundador; nem uma pedra,
Uma pedra singella erguida ao genio,
Cujo valor fizera com que as Quinas
Tremolassem a cima do estandarte
D'esse Villegaignon, d'esse homem impio,
Que os proprios seus traiu! E elle existira?
Aqui viveu de fama rodeado?
Qu'é de a estatua que a patria consagrou-lhe?
—Nem uma ergueu-lhe!—Quem hi seu nome sabe?
—Poucos — e inda — menos — o repetem!
Morreu; — dormem com elle no sepulchro
Suas glorias, que a patria não as vinga;
Embora; embora! — A ingratidão é sua!

Basta; voltemos. — Tudo é noite e sombras;
Veloce o dia foi! — Tarde, curvados
Ao pezo d'annos nós choral-o hemos;
E talvez, — quem o sabe? — ja não viva
Algum de nós; no ermo do sepulchro,
Quiçá, descanse em paz, ja pasto aos vermes!
La soa o sino; os echos magoados

Ao longe estão os dobres repetindo
Triste e suavemente, hora é de preces;
Mudo silencio em torno de nós reina,
Mas em torno de Deus retumba o hymno
Que milhares de vozes cadenceiam;
Nossas vozes tambem a Deus subamos!

Adeus, sitios! Adeus, jardim formoso!
Oh bella Nigtheroy, nós te deixamos,
Té que a saudade nos pungindo o peito,
Nos obrigue outra vez a visitar-te!
Tua lembrança nos será eterna,
E eterna um dia viviraz na historia!

XXVI.

A PRIMEIRA PALAVRA.

Premier mot que murmure
L'enfance faible et pure,
Instinct de la nature,
Echo secret du cœur,
Mot que le ciel envoie
A l'enfant qui l'emploie
Pour exprimer la joie,
Ainsi que la douleur!
CH. LAFONT.

Oh como surrindo
Estende os bracinhos,
O infante innocente
Da mãe aos carinhos,
Da mãe ao amor!
Que meigo offerece
Os labios mimosos
Aos beijos maternos,
Almos, amorosos,
Cheios de doçor!

Os crespos cabellos,
Qu'aos hombros lhe descem
Em aureos caxinhos,

Os raios parecem
Do fúlgido sol;
Nas faces rozadas
Surrisos serpejam,
E os olhinhos bellos,
Brilhantes lampejam
Como igneo pharol.

Risonho e fagueiro,
Abrindo os beicinhos
Macios e rubros,
Como os bagosinhos
De grata roman,
Do peito desata
A voz meiga e pura,
E todo innocencia,
E todo candura
Esclama: — Maman!

Oh voz suavissima,
Tu és o estribilho
Do hymno da infancia,
Que tens d'ella o brilho,
D'ella a singellez!
Tu és o complexo
De amor e candura,
Qu'aos labios do infante
Has toda a doçura,
Has toda a lhanez!

BIBLIOTHECA Provincial de S. Paulo

Ah quando innocente
Eu te repetia,
Meu peito innundava
Suave alegria,
Extreme prazer!
Mas hoje.... Oh destino....
A meu coração
Pezares, saudades,
Tristeza, afflicção
So podes trazer!....

A minha alegria
De pressa fugiu;
A paz de minh'alma
Saudade extinguiu,
A dor m'a roubou;
Allivio tam doce
A meu peito triste,
A mãe, qu'eu amava,
Ah naõ mais existe,
A campa baixou!....

XXVII.

Á ESPERANÇA.

Mon Dieu! à quoi s'attacher en cette vie! que d'absinthe pour quelques gouttes d'ambroisie que nous verse parcimonieusement le sort!

S. Henry Berthoud.

Ai de mim, ave implume que abandono
De minha infancia o berço,
E ja pranteio males incessantes,
Ja choro acerbas dores!

Parece que o rigor da irosa sorte
Me seguirá constante,
Sem que veja raiar sereno dia,
E affagar-me a ventura.

Si só menos a exp'riencia me guiasse
No caminho da vida,
Me afastando de inganos, precipicios,
Oh consolar-me-hia!

Mas embalde; — a exp'riencia só nos chega
No fenecer da vida;
Ai de mim, ave implume que abandono
De minha infancia o berço!

A fagueira, risonha primavera
De flores orna o prado;
A prodiga abundancia sobre a terra
A cornucopia entorna.

A paz celeste, ao som de gratos hymnos
Do ceo meiga descende,
E com seu riso o riso dos humanos
Alegres se confundem.

Que me importa?—Taes mimos gozar posso?
Posso acaso surrir-me,
Quando meu coração de dor passado
Suspiros mil arranca?

Oh talvez que o avarento de mim zombe
Com mofador surriso,
Vendo-me desprezar os bens precarios
Que a fortuna me offerta.

Embora;—bens precarios o que valem
A humana felicidade?
Que vale a posse de opimos tributos,
Si a ventura nos foge?—

O lindo sabiá que deixa o ninho,
Em tanto amor formado,
Si ve sua nutriz cair ferida,
Á dor quasi succumbe.

Assim eu; — venturoso reputar-me
No mundo mais não posso,
Qu'hei visto a dura morte despojar-me
De tudo quanto amava.

Qu'hei visto a ausencia vir cruel lançar-se
Entre mim e os amigos,
E a saudade, fiel socia da ausencia,
Amargurar-me os dias.

E nem si quer um sonho lisongeiro
Que a existencia me adoce,
E esse terno surrir da alma ventura
Que a minha dor abrande!

Cansado de gemer, lasso de vida
Tam cheia de amargores,
Ja me anceia o esperar que soe a hora
De abrir-se meu sepulchro!....

Dilicias dos mortaes, sancta esperança,
Voa, vem consolar-me;
— Vem co'a ponta do manto, que te involve,
Limpar-me o amargo pranto.

— Vem, da-me um teu surriso, que me outorgue
Allivio a tantas penas;
— Vem no ferido coração verter-me
Teus balsamos suaves.

XXVIII.

A LUA.

Vem com tua luz serena
Minha pena consolar.
SILVA ALVARENGA.

Silencio! — Tudo é socego!
Silencio! — Tudo adormece!
Silencio! — O vento emudece!
Silencio! — Nem bate o mar!
Silencio! — Tudo é silencio!
Vou minha lyra vibrar,
Para ver se de meu peito
Posso as penas abrandar.

Vem, oh astro rutilante!
Vem, oh lua alma e fagueira
N'est' hora tam lisongeira
Ao vate teu inspirar!
Silencio! Tudo é silencio
Vou minha lyra vibrar,
Para ver si de meu peito
Posso as penas abrandar.

Que hora tam merencoria!
Que doce, que grato instante!
Ditoso do bardo amante
Que chega tanto a gozar!
Silencio! — Tudo é silencio!
Vou minha lyra vibrar,
Para ver si de meu peito
Posso as penas abrandar.

Vem, oh astro rutilante!
Vem, oh lua alma e fagueira,
N'est'hora tam lisongeira.
Ao vate teu inspirar!
Silencio! — Tudo é silencio!
Vou minha lyra vibrar,
Para ver si de meu peito
Posso as penas abrandar.

So eu jazo sobre a praia
D'este lago adormecido,
So eu, que triste, abatido
Estou sempre a suspirar.
Silencio! — Tudo é silencio!
Vou minha lyra vibrar
Para ver si de meu peito
Posso as penas abrandar.

Vem, oh astro rutilante!
Vem, oh lua, alma e fagueira

N'est' hora tam lisongeira
Ao vate teu inspirar!
Silencio! — Tudo é silencio
Vou minha lyra vibrar,
Para ver si de meu peito
Posso as penas abrandar.

E ella dorme, e amor com ella,
Pois é de amor o seu sonho,
E so eu vélo tristonho,
Sem alivio a pranteiar!
Silencio! — Tudo é silencio
Vou minha lyra vibrar,
Para ver si de meu peito
Posso as pena abrandar.

Vem, oh astro rutilante!
Vem, oh lua alma e fagueira,
N'est' hora tam lisongeira
Ao vate teu inspirar.
Silencio! — Tudo é silencio
Vou minha lyra vibrar,
Para ver si de meu peito
Posso as penas abrandar!

RECAPITULAÇÃO

DAS

MATERIAS QUE CONTEM ESTE LIVRO.

Algumas palavras sobre este livro 5

ESBOÇO DA HISTORIA DA POESIA BRASILEIRA.

Dedicatoria 13
I Introducção 15
II Primeira epocha 21
III Segunda epocha 23
IV Terceira epocha 29
V Quarta epocha 35
VI Quinta epocha. 41
VII Sexta epocha 49
VIII Conclusão. 55

MODULAÇÕES POETICAS.

Dedicatoria 59
I Ao sol. 61
II A meu mestre 68
III O malmequer 73
IV Saudação 76
V Ao joven vate 78
VI A Jonio Americo 81
VII Despedidas. 84
VIII A' guerra 87
IX O genio 97
X Resposta 101
XI Confissão 105
XII A fortuna 107
XIII A' Irilia 111
XIV O poeta desgraçado 114

XV A' Alegria 118
XVI A' minha infancia 120
XVII E eu te amo ! 123
XVIII A inconstancia. 125
XIX Lagrimas e flores 128
XX A meu amigo. 131
XXI A meu amigo 134
XXII Que farei por te abrandar ? 138
XXIII A minha avó materna 141
XXIV Conselho amoroso. 145
XXV Uma tarde em Nictheroy 147
XXVI A primeira palavra 156
XXVII A esperança 159
XXVIII A' lua. 162

Em maior numero eram as poesias destinadas a este livro, mas a sua publicação já vae demorada e força é suspendermos aqui a sua *composição*; pelo mesmo motivo omittimos a lista dos subscriptores, e a *corrigenda* de alguns erros, certos na benevolencia dos leitores.

BIBLIOTECA
9
DEZ.
39
Nº DE REG. 1753

FIM.

RIO DE JANEIRO. 1843. — TYPOGRAPHIA FRANCEZA,
RUA DE S. JOSÉ N. 64.